

antologia 2020

dos alunos da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

antologia 2020

Alexandre Hubner • Ana Cristina Gonçalves • Antonio Bezerra • Daniel Weissmann • Daniella Michelin • Débora Mamber • Diogo Paoliello de Medeiros • Fernanda Cavalcanti • Fernando Rinaldi • Isay Weinfeld • Jean Ferreira • João Luiz Guimarães • Luciana Lachini • Luciana Loew • Luis Cosme Pinto • Marcella Faria • Martha Cavalheiro • Nataly Callai • Nathalie Lourenço • Paloma Zaragoza • Pedro Oliveira • Raíssa Blasques • Renata Alves de Lima • Renata Conde • Ricardo Motomura • Thiago Zannon



Pós-graduação Formação de Escritores



Direção Geral

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

Coordenação da pós-graduação
Formação de Escritores

Márcia Fortunato e Roberto Taddei



Edição

Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico

Kiki Millan

Revisão

Iara Arakaki e Laís Alcantara

São Paulo, 2020

Antologia 2020: Pós-graduação Formação de Escritores. – São Paulo: Instituto Vera Cruz, 2020. 178 p.

Vários autores.

Coletânea de textos de ficção e não ficção produzidos pelos alunos da turma 2019 da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção literária. I. Instituto Vera Cruz.

CDD: 869.93

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, e não tem fins comerciais.

antologia 2020

Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarrota, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta Antologia.

Sumário

Apresentação	9
O charme da bondade [Alexandre Hubner]	11
Formigamento [Ana Cristina Gonçalves]	17
Ocaso da vida [Antonio Bezerra]	23
Senhora [Daniel Weissmann]	31
Os inquilinos [Daniella Michelin]	37
Capítulo 1 [Débora Mamber]	49
Prosa do documentário	
[Diogo Paoliello de Medeiros]	59
Insônia [Fernanda Cavalcanti]	67
Minério [Fernando Rinaldi]	73
Assassinato à beira-mar [Isay Weinfeld]	81
Urso [Jean Ferreira]	83
Entrelinhas [João Luiz Guimarães]	87
Inspiração súbita [Luciana Lachini]	91

O poema das palavras extravagantes	
[Luciana Loew]	99
As geladeiras de Gilberto [Luis Cosme Pinto] ...	103
ecO dO OcO [Marcella Prado]	113
Morumbi [Martha Cavalheiro]	119
O presente [Nataly Callai]	123
Nunca é só mussarela [Nathalie Lourenço]	127
Como se diz saquê em japonês	
[Paloma Zaragoza]	137
Muito além da estimação	
[Pedro Gonçalves de Oliveira]	147
Lá [Raíssa Blasques]	155
Ruptura [Renata Alves de Lima]	166
A máxima diferença [Renata Conde]	167
Crônica de um romance inexistente	
[Ricardo Motomura]	169
As horas mais escuras da cidade	
[Thiago Zannon]	173

Apresentação

Os textos aqui reunidos ecoam o percurso de autoras e autores que investiram muito esforço em seus desejos de escrever. É uma alegria para nós, coordenadores da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz, ler esses textos e reconhecer não só a trajetória dessas escritoras e escritores, mas o sucesso obtido no embate com as palavras durante os dois anos desses estudos.

Nas páginas seguintes há textos ficcionais, não ficcionais e infantojuvenis. São narrativas apresentadas em oficinas e que foram objeto de leituras e releituras em busca de sua última versão. Sim, escrever uma ideia é sempre uma tradução fluida, que procura moldar um objeto acabado e deseja enredar sorrateiramente o leitor no suspense de sua compleição. Aparências. Palavras. Interfaces milagrosas que nos colocam em contato uns com os outros. E, por serem a conformação de um desejo sempre em movimento, suportam diferentes leituras, leitoras e leitores. Surpreendem. Juntos, agora, podemos participar dessas ideias.

Boa leitura,

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

O charme da bondade

Alexandre Hubner

Henrique Sarto era um rapaz bom, correto, generoso e não havia quem pudesse desgostar dele.¹ Quer dizer, haver havia. Mas até a má vontade, o esgar cínico, o nariz torto, o olhar duro com que vez por outra ele também se deparava eram consequência menos de qualquer animosidade propriamente dita do que do desprezo que certos espíritos empedernidos têm pelo bom-mocismo, mesmo em suas versões mais discretas e benignas. De modo geral, porém, Henrique tinha acolhida certa por toda parte. A porta da casa dos Rizzo, por exemplo, estava sempre aberta para ele; era quase como se o jovem Sarto fosse um membro da família, e não só mais um dos companheiros de farra de Chiquinho, os quais, muito embora proviessem, ao contrário de Henrique, de famílias igualmente abastadas, nem se quisessem conseguiriam rivalizar com sua reputação de rapaz ajuizado e respeitador – a ponto de o dr. Francisco só se dispor a emprestar o recém-adquirido

¹ O texto é um trecho do segundo capítulo de um romance em desenvolvimento.

Buick LeSabre para o filho se este lhe promettesse que no lugar do carona estaria o seu amigo mais leal.

O prazer que Henrique sentia ao se perceber tão estimado, tão benquisto, era imenso. Não que ele fosse insincero ao tomar o partido do colega folgazão, quando Chiquinho, as mãos displicentemente apoiadas no volante de baquelite verde, o olhar irrequieto se dividindo entre as barbatanas do carro da frente e uma ou outra moça que aparecia de saia rodada na calçada, punha-se a se queixar de que o pai tivesse tão pouca confiança no próprio filho. Para Henrique, a amizade com Chiquinho também era motivo de orgulho e satisfação, de modo que ele dava tudo de si para impedir o amigo de notar que, embora rejeitando o papel de pajem e acusando mesmo o ridículo da coisa, não lhe era possível encarar, senão como um grande avanço na vida, o fato de ser merecedor do crédito de um homem como Francisco Rizzo.

Da primeira vez que Henrique esteve na casa dos Rizzo, sua maior preocupação foi não dar vexame. Após cumprimentar o dr. Francisco – que, sentado numa das *bergères* da sala de estar, mal tirou os olhos do jornal ao estender a mão para mais um amigo do filho caçula – e balbuciar um “Muito prazer” acanhadíssimo – recebendo como resposta apenas um grunhido impaciente –, Henrique hesitou entre o sofá de três lugares, a segunda *bergère* e uma otomana que completava o conjunto do *living*. O sofá já se achava parcialmente ocupado por Chiquinho. Tendo apresentado o colega para o pai – “Este é o Henrique que eu falei para o senhor. Aquele do Mackenzie. O que mora aí na Pirajussara” –, ele se escarrapachara diagonalmente sobre o *gobelin* de seda do

móvel de linhas convolutas, cruzando as pernas com displicência, a ponto de engorvinhar toda a borda do tapete oriental. Era muita sem-cerimônia para que Henrique se atrevesse a indicar, mesmo que pela simples proximidade física, ter algo a ver com aquilo. Por outro lado, a contiguidade com o dr. Francisco tampouco parecia convidativa. De modo que ele acabou optando pela otomana – aquele banco comprido, estofado num damasco de tons muito claros, quase branco de tão imaculado, sobre o qual jaziam quatro almofadas igualmente alabastrinas. Tão logo se sentou, porém, arrependeu-se da decisão. Sem poder se recostar, tratou de manter as costas retas, as mãos apoiadas nos joelhos, paralisado como a presa que, descobrindo-se no meio de um descampado, sente as garras do pânico amordaçar sua existência. E assim ele permaneceu por dez ou quinze minutos, até o almoço ser servido.

Já à mesa, à qual acorreram também a esposa e os outros quatro filhos do juiz do Tribunal de Alçada, Henrique persistiu em seu mutismo, revestindo-o, porém, com gestos a um só tempo discretos e elegantes, graças aos quais ele conseguia se fazer passar por alguém que sabia pelo menos escolher os talheres certos e manejá-los como manda a etiqueta. E a esse arremedo de traquejo social somava-se ainda o molejo de uma inteligência compreensiva, plástica, que lhe permitia absorver sem grandes solavancos toda sorte de prodígios e monstruosidades. Por isso não lhe pareceu tão extraordinário assim quando a certa altura o pai de Chiquinho interpelou a mulher sobre os preparativos do jantar que o casal serviria naquela semana para o dr. Adhemar de Barros, ainda que, à menção do nome do ex-interventor e governador de São

Paulo, tenha-se produzido na nuca de Henrique um formigamento voluptuoso – que então se espalhou deliciosamente por toda a extensão de seus ombros e braços, como se na origem daquele frêmito estivessem as unhas compridas e vermelhas de uma deusa. Da mesma forma, ainda que intimamente admirado, Henrique permaneceu impassível quando dona Florinda disse já ter encomendado à Casa Importadora F. Monteiro as caixas de Chateaneuf du Pape e Riesling da Alsácia e os vidros de caviar Romanoff e as diversas outras iguarias que o marido pretendia servir na ocasião. Além do mais, por maior que fosse a sua introversão, nem por isso faltava a Henrique alguma intrepidez para cravar um olhar atento e interessado – e respeitoso e manso e cordato – tanto no rosto severo do dr. Francisco, quanto no semblante de traços mais suaves, mas nem por isso menos altivos, de dona Florinda. Ele jamais se aventuraria a manifestar senão concentração obsequiosa numa conversa como aquela. E tampouco se arriscaria a dizer o que quer que fosse numa discussão como a que se seguiu quando Augusto, o irmão mais velho de Chiquinho, recriminou o pai por estar abrindo as portas de casa para homenagear “um grandíssimo salafário, um ladrão como nunca houve nos Campos Elíseos!”. Apesar disso, ainda aí era evidente o brilho com que os olhos de Henrique acompanhavam a controvérsia – encerrada só depois que o dr. Francisco levantou a voz para dizer “O tenentismo da juventude é mesmo uma desgraça. Desse jeito, meu filho, você ainda termina como aquele pederasta do Paulo Duarte, agitando a vassourinha na campanha do tostão contra o milhão”. E até o dr. Francisco – o rubor se espalhando pelas maçãs do rosto tão perfeitamente escanhado, um veio maroto

se insinuando entre as rugas mais sisudas da testa – deve ter notado que a compenetração de Henrique, conquanto muda, não era neutra. Estampava-se ali uma opinião, um voto, um veredicto. Mesmo sem dar um pio, mesmo sem dizer um ah, mesmo sem nunca ter ouvido falar do então diretor da revista *Anhembi* ou de sua bizarra associação com o janismo, e sem ser obviamente capaz de identificar o idealismo socialista por trás do antiadhemarismo de Augusto e muito menos entrever as razões que levavam o meritíssimo juiz da terceira câmara do Segundo Tribunal de Alçada a receber em sua casa, com toda pompa e circunstância, um sujeito que recentemente tivera inclusive de se esconder no Paraguai – para não ser preso por ter vendido à Força Pública de São Paulo, na época em que ainda comandava o executivo estadual, cinco caminhões Chevrolet já pertencentes à frota da corporação –, e que também estava para ser condenado por ter se apropriado de uma urna marajoara do Museu Paulista – de cuja importância arqueológica o sem-vergonha se apressara em desdenhar, declarando à imprensa tratar-se tão somente de um penicão de barro –, e que agora tentava se erguer politicamente lançando-se candidato à prefeitura da capital, mesmo sem nem sequer suspeitar de nada disso, era evidente que o rapaz que Chiquinho trouxera para almoçar sabia muito bem de que lado estavam a razão e o bom senso.

É claro que não foi exatamente assim que Henrique caiu nas graças do dr. Francisco Rizzo. Por mais singular que fosse, a mescla de timidez com destreza gestual – ainda que adornada pela coreografia ocular do bom entendedor – teria sido insuficiente para despertar o interesse e a simpatia do primeiro filho de imigrantes

italianos a chegar a juiz de quarta entrância no Judiciário paulista – e que começava a mexer os pauzinhos para alcançar agora o Tribunal de Justiça –, se não viesse acompanhada do charme da bondade. Não que Henrique desse a impressão de ser alguém particularmente preocupado em praticar o bem. Se ele orientava suas ações por algo que lembrava altruísmo, fazia-o não tanto por gosto ou em respeito a princípios morais, mas sobretudo porque assim mandava sua natureza. Uma falha de caráter o impedia de perceber a cerca de arame farpado firmemente fíncada entre o seu interesse e os dos outros. Suas ambições pessoais pareciam confundir-se com as dos que lhe eram mais próximos. De modo que o bem que ele buscava era em certa medida comum – não por abnegação, não por dedicação desinteressada aos outros, mas porque nele o egoísmo só se manifestava quando embrulhado com o de terceiros. Aos olhos de Henrique, o bem dos outros era também o seu. E, aos olhos de Francisco Rizzo, que não sofria dessa doença e tampouco estava em condições de diagnosticá-la, era isso que fazia dele um rapaz tão bom, um amigo tão excelente para o filho estroina, alguém a quem, numa eventualidade, ele poderia confiar, se não as chaves do cofre, pelo menos as do carro.

.....

Alexandre Hubner (lxndr:hbnn@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1966.

Formigamento

Ana Cristina Gonçalves

Três colônias de formigas entraram em guerra. Fantasmas e carpinteiras, completamente adaptadas à vida atrás de azulejos, batentes e blocos de concreto, bem nutridas devido a ataques sistemáticos a armários de mantimentos e a todo tipo de vão escuso, como os que ficam entre pias e fogões e atrás de geladeiras, não estavam dispostas a ceder à ação das invasoras. O problema era que as lava-pés, instaladas no pequeno jardim de um prédio residencial no centro de São Paulo há várias gerações, sofriam com a escassez de comida. A diminuição do número de humanos nas ruas, confinados em suas casas há tempos por medo do contágio de um vírus incurável, levou as operárias daquela colônia à ação extremada. A terra do jardim estava seca, ninguém mais cuidava das plantas. As minhocas, as larvas, os besouros já tinham partido em busca de destino melhor. Apenas as baratas continuavam lá, cada vez em maior número. Para as lava-pés, era invadir a construção ou morrer.

Alheia a tudo isso, Lúcia se arrumava para a ida semanal ao mercado que ficava a um quarteirão de distância. Era uma das

voluntárias daquele edifício para trazer itens de primeira necessidade aos vizinhos que faziam parte do grupo de risco, os maiores de 60 anos. O combinado é que todas as terças à noite, seu Afonso, do 21, dona Rosa, do 33, e dona Ivone, do 72, deixariam bilhetes com seus pedidos por debaixo da porta dos fundos. Lúcia estabeleceu que cada um poderia pedir até três coisas, mais do que isso não conseguiria carregar nas suas duas sacolas de lona. Compras maiores deveriam ser feitas de modo remoto. As encomendas continuavam chegando de forma regular. De calcinha e sutiã na frente do espelho do banheiro, prendeu os cabelos no alto da cabeça e aplicou filtro solar no rosto. Fazia tempo que não passava batom. Sentiu um pouco de pena. As bocas agora ficavam cobertas por máscaras. Mesmo assim, pegou a pinça de dentro da gaveta e removeu três pelos pretos que despontavam no canto dos lábios. Bigode, jamais, pensou. Olhou para baixo. A penugem das pernas cada vez mais viçosa. Deu um suspiro.

Foi andando devagar até a área de serviço. Nos primeiros dias da peste, ia correndo, tinha medo que alguém a visse quase pelada. Aos poucos, mudou de ideia. Experimentou um passo mais vagaroso, um pé colocado diante do outro, um leve remexer dos quadris. Às vezes, jogava os braços para trás, fingindo alongamento. O rosto se elevava, os seios também. Se alguém do prédio em frente a visse, acharia bom. Seria vista por outra pessoa. Seria tocada pelos olhos de outra pessoa.

Promovido a bunker, o quatinho de empregada agora concentrava as roupas para enfrentar o perigo das ruas, dois conjun-

tos de camiseta, calça e casaco, e todo o aparato de desinfecção, frascos de álcool, de desinfetante, de água sanitária, baldes, panos descartáveis, sacos de lixo. Vestiu-se rapidamente, tirou o cartão de crédito que estava debaixo do pote de sabão em pó e o guardou no bolso traseiro da calça. Colocou as luvas de borracha e foi descalça até a porta. Lá estavam seus tênis sem cadarço. Enquanto enfiava o pé direito, abaixou para pegar os pedidos de compras. Seu Afonso queria feijão, margarina e espuma de barbear. Lúcia simpatizava com ele. Escrevia em letra de forma e deixava o dinheiro dentro de um envelope. A dona Ivone também tinha o cuidado de embrulhar as notas. Com filme plástico, fazia um pacotinho bastante higiênico. Naquele dia, pediu uma garrafa de cachaça, açúcar e veneno para rato. Qualquer marca tá bom, mas Racumim é melhor, ela escreveu. Lúcia se assustou: será que tem rato no prédio? Precisava descobrir. No momento em que conferia a lista da dona Rosa, xampu para cabelos loiros, algodão e leite em pó, e olhava com nojo para a cédula de 50 reais que a vizinha lhe deixara sem nenhum cuidado, seu pé esquerdo, agora completamente calçado, comprimiu parte de uma fileira de formigas que entrava pelo vão da porta.

Ela não percebeu. Aborrecida com o desleixo de dona Rosa que a obrigava a tocar naquele dinheiro provavelmente imundo, não se deu conta do que acontecia no ladrilho da área de serviço. Exterminou dezenas de operárias diligentes, comprometidas com a própria sobrevivência e as de suas famílias. Ignorava o mundo das formigas. Elas sempre viveram a seu redor, mas Lúcia não tinha

olhos para elas. Encaixou as tiras de elástico da máscara de tecido nas orelhas, cobriu bem o nariz e a boca e saiu para cumprir sua missão de ajudar os idosos.

Chegou ao mercado dez minutos antes da abertura. Preferia ir cedo, horário em que, ao menos em teoria, as prateleiras deveriam estar mais limpas. A rua onde morava já há quase uma década, com prédios residenciais de pintura desgastada, estava vazia. Passou por um cachorro sem dono, tinha a impressão de que havia mais cachorros à solta do que antes. Sentia falta de dizer bom dia. Há quanto tempo não cumprimentava alguém? Como de costume, postou-se a um metro do portão de entrada do mercado. Era a primeira da fila. Do outro lado da calçada, viu um menino sozinho, cinzento como as pombas que estavam por ali, comendo a sujeira que os funcionários do mercado tinham varrido para rua na noite anterior. Não teve dúvida de que ele viria em sua direção. Veio. Ela deu um passo para trás.

— Tia, dá um trocado.

— Não tenho.

— Me compra um biscoito, então.

Lúcia concordou com a cabeça e recuou um pouco mais. O menino caminhou em direção às pombas. O mercado finalmente abriu. Pegou tudo, menos o xampu de dona Rosa (não por maldade, estava em falta). Para ela mesma, escolheu leite condensado, uma barra de chocolate e cera de depilação. Pretendia dar um jeito nas pernas. Para o menino, biscoito recheado de morango, o único tipo que havia.

Já na rua, olhou em volta. Apenas as pombas continuavam a ciscar. Começou a caminhada. Ao escutar o menino, diminuiu o passo.

— Tia, espera aí.

Entregou o pacote de biscoito para ele.

— Biscoito recheado. Valeu, tia. Posso levar as sacolas?

— Não precisa, obrigada.

Ela tentou ganhar distância, ensaiou uma corridinha. Não queria respirar o mesmo ar do menino. Mas ele veio atrás, oferecendo ajuda. Ela tinha sido gente fina, falou. Comprou biscoito recheado. De morango. Muito da hora. Lúcia decidiu que era melhor acabar logo com aquilo. Não via a hora de chegar em casa, tirar aquela roupa infectada, tomar banho, lavar os cabelos.

— Agora chega, moleque. Sai daqui.

— Tia, deixa eu te ajudar com as sacolas. Elas tão cheias de formiga. Olha.

Lúcia olhou. As sacolas de lona estavam cobertas de pequenos pontos pretos, que começavam a subir em suas mãos enluvasadas. Em menor quantidade, o menino tinha formigas pelas pernas. A calçada estava tomada. Era difícil desviar delas. Os dois esmagavam formigas a cada passo. Dava para ouvir o barulho, pipoca estourando no micro-ondas, uma atrás da outra. Lúcia começou a correr. O menino atrás.

— Elas tão com fome, tia. Deixa comida pra elas.

Alguma coisa entrou por baixo da máscara de tecido. Uma formiga, o que mais? Lúcia não podia tocar a máscara, não podia

levar as mãos ao rosto. O protocolo não permitia. Poderia se contaminar. Começou a contorcer o nariz, quase abriu a boca, conseguiu evitar a tempo. A formiga era rápida, ia de um lado para outro. Enquanto fazia caretas, Lúcia pensou nas competições de patinação no gelo. Nas moças com *collants* bordados de paetês. Com os cabelos presos no alto da cabeça, deslizando velozes, fazendo piruetas, saltos mortais. Alongando os braços para trás, projetando o rosto e os seios para o alto. Sentiu a picada da formiga. Dor.

— Elas tão com fome, tia. Deixa comida pra elas – disse o menino, outra vez. Estava quase colado nela.

O estalar debaixo dos tênis sem cadarço era cada vez maior. As formigas formavam uma massa compacta que parecia começar na frente do seu prédio. Lúcia teve que pensar rápido, queria entrar, se proteger. Atirou para longe o saco de açúcar, que logo desapareceu coberto de negro. Com o recuo momentâneo das formigas, abriu o portão do prédio o mais rápido que pôde e o bateu com força na cara do menino. Pelos vãos da grade, passou para ele uma das sacolas, a que tinha feijão, leite em pó, leite condensado, margarina, chocolate, algodão, espuma de barbear, cera de depilação. Entregou também o troco de cada compra. Ficou com a cachaça e o veneno de rato. O *hall* de entrada, os elevadores, as escadas, tudo estava tomado pelas formigas. Não passou pelo apartamento de dona Ivone para entregar a encomenda.

.....
Ana Cristina Gonçalves (anacristinag123@gmail.com) é jornalista formada pela Cásper Líbero, foi diretora de redação, redatora-chefe e editora de vários veículos, como Estilo/InStyle Brasil, Claudia e Folha da Tarde. Publicou textos nas revistas *Veja*, *Exame* e *Época*.

Ocaso da vida

Antonio Bezerra

Em março de 2018 visitei o jovem advogado Daniel Martins, então com 33 anos de idade. Meu amigo fraterno tinha invejável currículo profissional, especialmente na área criminal. O conheci quando era garoto, ao visitar sua casa, levado por seu pai, a quem eu mantinha elevada estima. Por uma das janelas da sua sala no terceiro andar do escritório na rua Vergueiro, a uma quadra da Catedral Metropolitana Ortodoxa, podia acompanhar a movimentada Avenida 23 de Maio.

Ocasionalmente, Daniel me consulta sobre alguns aspectos práticos de casos complexos que esteja examinando. Em razão da experiência obtida no exercício do trabalho policial por dezenas de anos, algumas observações que ofereço são úteis. Então, após o cafezinho de sua Nespresso, contou o que se passou com suas clientes Anne e Suzuki.

Anne, habitualmente, trocava o dia pela noite. Depois que o sol se punha, trabalhava, ou se divertia, com leitura, filmes, programas de televisão ou uma boa conversa. Na noite daquele 24 de novembro de 2016, uma quinta-feira, depois de dormir quase

ao amanhecer, como sempre, Anne acordou por volta das 7h30, horário em que tomava seus remédios de uso contínuo para diabetes, colesterol e controle de pressão. Além deles, devido a uma infecção urinária, lhe fora prescrito o antibiótico CIPRO 500 mg a cada oito horas. Não sentindo o efeito esperado pelo tempo que passava, mais de dez dias, mandou Cassandra, sua secretária, ligar ao médico pedindo para que dobrasse a dose. A mudança foi autorizada, assim disse Cassandra. Então, tomou dois comprimidos, num total de 1.000 mg. Em seguida Anne dormiu, acordando por volta das 14h, indisposta. Antes do jantar, às 16h, tomou outra dose de 1.000 mg. Perto das 19h, acordou e gritou por socorro, sentindo muita dor. Desesperada, perdeu os sentidos. A funcionária Silvana, que estava ao seu lado, deu o alarme geral. Suzuki tinha ido a uma academia de ginástica não muito distante e chegou em casa no momento em que o Serviço de Resgate do Corpo de Bombeiros saía às pressas rumo ao Hospital Sírio Libanês, a dez minutos de distância. Suzuki acompanhou a ambulância em seu próprio carro. No hospital, foi notificada que Anne sofrera um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e, entrou em coma. Suzuki vivia um drama, o mundo parecia desabar sobre a família. Sua mãe, Dona Zélia, havia sido diagnosticada naquele mês com um câncer pulmonar agressivo e seria internada em outro hospital, com um diagnóstico letal.

Daniel sabe a história delas como nenhuma outra pessoa poderia contar. Entendeu que seria importante que eu conhecesse sua cliente Suzuki e percebesse a necessidade de socorrer essa família com informações seguras que iluminassem o túnel escuro em que se encontrava, povoado de golpistas, corruptos, traidores e crimi-

nosos sem escrúpulos prontos para destruírem toda uma vida de pessoas pacíficas e inocentes que esperavam por justiça.

Na sequência da nossa conversa, Daniel ligou para Suzuki combinando uma reunião para a semana seguinte. Suzuki andava assustada, alertou meu amigo. Preocupada, ela providenciou que seu filho saísse do Brasil e ficasse nos *States* por um tempo.

Passava mais de um ano do AVC quando fui apresentado a Suzuki, no escritório de Daniel. Era uma senhora elegante, como são as modelos de modas. Exuberante nos seus sessenta anos, escondia uma tristeza profunda, pude ver além dos seus olhos, na minha obsessão de observar a aparência das pessoas com quem converso. Sua voz saía polida, sedosa, não melancólica. Mostrou-se confiante na nova amizade, o que me deixou satisfeito.

Disse a ela que gostaria de saber como tinha conhecido sua companheira, agora agonizante no hospital. Ela me olhou francamente e por certo seu cérebro disparava em modo de pesquisa, rastreando informações no banco de memórias mais profundas da sua vida. Calmamente começou a falar.

A Anne nasceu em 1947, nos Estados Unidos, onde seus pais moravam. Ela é brasileira, seus pais eram o Richard e a Hellen. É empresária, de uma família tradicional vinda da Suécia no século 19. Bem-sucedida financeiramente, é culta e fala muitos idiomas, principalmente inglês e francês, todos fluentemente. É advogada, formada em Direito na Universidade Católica de Pernambuco em 1974. Tem vários cursos de administração e estágios feitos em Genebra, Paris Londres e Nova York. Dirige um grupo de empresas que envolve vários negócios, de financeiras, agronegócios,

indústria a comércio. Tem milhares de funcionários. Apesar dessa importância, ela é simples, sem ostentação, mas é rígida por sua formação cultural. É durona, sua voz tem um som grave e forte, com acentuado sotaque nordestino. Não fazia tipo diplomático. Eu sabia exatamente como era e não estranhei quando uma pessoa que vivia mais perto disse que: “Ela era como se colocasse uma parede: ‘Eu sou a patroa, dona do negócio, vocês são meus empregados’”. O estilo dela era “casa-grande e senzala”. Não dava entrevista de jeito algum e ficava longe de fotógrafos, não falava em público, não aceitava badalagens, era impossível arrancar qualquer informação pessoal. Preferia a exclusão e privacidade absolutas.

A casa onde moramos, desde 2009, fica numa região nobre de São Paulo, no bairro da Aclimação, povoada por gente da classe média. O lugar, até por ser um parque muito bem arborizado, faz por merecer o projeto que desenvolvi, inspirado numa casa que vimos uma tarde em Paris. Enquanto comíamos numa patisserie no 16° arrondissement, perto de onde eu morava, a Anne comentou: “Que residência linda, parece uma casa de gente feliz”. Foi a palavra chave. Na hora, eu falei: “Vamos fazer uma igualzinha pra nós no Brasil”. E assim, o sonho se realizou. A casa tem quatro mil metros de área construída, com quatro andares, contando o subsolo, um elevador, sala para reuniões de trabalho, salas de visitas, além de um jardim maravilhoso, com piscina e espaço gourmet.

Antes dessa residência, nos anos 1990, nós morávamos na ala presidencial do antigo Hotel Ca’d’Oro, um dos mais chiques

da capital, na rua Augusta. Esse foi um lugar muito marcante para nós, pois foi lá que tivemos um acréscimo na família com a chegada do nosso filho Artur.

No dia do AVC, continuou Suzuki, eu passei a noite no hospital e logo pela manhã fui pra casa. Ao entrar, levei um susto. A casa tinha sido invadida sem explicação. Vários ambientes estavam revirados. Alguns lugares pareciam ter sido vasculhados. Isso era inaceitável, porque a casa estava protegida por seguranças. Tinha uma guarita blindada e homens armados, chefiados pelo coronel Anderson, aposentado da polícia. Ninguém entra nesse prédio sem que seja autorizado pela Anne ou por mim, além do segurança de plantão. Tem câmeras em vários pontos, inclusive nos corredores e no elevador. Cassandra monitora tudo pelo celular, junto com o coronel. Ela tinha que me explicar o que aconteceu, porque os vigilantes disseram que ela estava ali naquela bagunça.

Daniel tem um arquivo e explicou que Cassandra, nascida em 1951, começou a trabalhar na empresa em 1967, quando era presidida pelo senhor Robert, pai da Anne. Com o passar dos anos, conquistou a confiança dos patrões e foi nomeada secretária-executiva e seguiu sempre nessa função, mesmo após as mortes dos genitores da patroa (Robert, em 1980, e Hellen, em 1990). É divorciada, mãe de dois homens, com idade acima dos trinta anos. Está de “olho” na Anne bem antes de conhecer Suzuki. (Tem ciúmes mortal dela, assim comentavam na surdina algumas serviçais). É responsável pela organização de tarefas básicas, como agendamento de compromissos e a execução das ordens diretas da Anne. Recebe salário acima de oitenta mil reais, montante superior ao que

ganham muitos proprietários de empresas de médio porte. Reside em apartamento de alto padrão no Morumbi.

Aproveitei a explicação do Daniel e, lembrando a invasão da casa, perguntei: Suzuki, a Cassandra ou o coronel poderiam entrar na residência, circular internamente em todos os lugares, falar com a Anne a qualquer hora?

Claro que não, respondeu indignada. *Ali era a nossa casa, não um lugar da empresa. Para entrar, somente sendo chamados e pedir autorização a Anne ou a mim. Acontece que, quando se marcava uma reunião de trabalho, a Secretária era convocada a pedir uma varredura técnica, feita por profissional habilitado, para ter certeza que não havia escuta. Isso era uma neura da Anne, que temia espionagem dos segredos da empresa. Era a oportunidade e a justificativa para espalhar câmeras em vários lugares. Essas reuniões aconteciam uma vez por mês, raramente mais que isso.*

Suzuki retomou o fôlego e continuou: *A Anne faz, muito tempo, depende de uma cadeira de rodas. Aconteceu depois da morte da sua mãe, em 1990, logo depois das intrigas e ameaças do seu irmão Roberto, inconformado, porque ela foi escolhida como presidente da empresa. Sua saúde desandou barbaramente. Perdeu o controle da diabetes, passou a ter obesidade mórbida, sofreu uma trombose nas pernas que lhe custou um tratamento intensivo nos Estados Unidos. Assim, raramente ia à sede da empresa que ficava a quatro quilômetros. Marcava as reuniões do Conselho de Administração na nossa casa.*

A secretária cuidava, também, das necessidades médicas da Anne, era encarregada de tudo que se referisse à saúde dela.

Marcação das consultas, internações hospitalares. Ela assinava como responsável nos hospitais e clínicas, pagava as contas de qualquer espécie, inclusive os planos de saúde da família, as faturas dos cartões de créditos, as contas de manutenção dos imóveis, as reservas de hotéis em qualquer lugar do mundo e as passagens aéreas. Era ela quem agendava o uso do helicóptero ou do jatinho da empresa, convocava os pilotos e informava o número de passageiros. Por causa de tudo isso, muitos funcionários diziam que Cassandra era a diretora.

Daniel esclareceu que quase todas as contas pessoais da família eram entregues para a secretária, que deveria providenciar os pagamentos. Para liquidar as contas, entrava em ação o contador da empresa, o senhor Toshiko Kakuey. Com 78 anos de idade, ainda trabalhando, era o funcionário mais antigo, com um hiper-salário, na casa dos 120 salários mínimos. O contador sabe onde está cada centavo do patrimônio da família e como manejá-lo, obviamente.

Perguntei a Suzuki se poderia dizer o que lhe cabia fazer no meio familiar.

Bom! Eu nunca precisei da ajuda da Cassandra pra qualquer coisa. Ela simplesmente cumpria seu dever quando lhe pedia algo, às vezes eu era obrigada a recorrer à intervenção da Anne, quando ela se fazia de desentendida.

Senhora

Daniel Weissmann

A cachorra não tinha nome, não um nome oficial, meus irmãos a chamavam de Fedida, Cagona, Pulguenta. Mamã não chamava, esperava que ela ficasse no quintal, de preferência calada e sem fazer sujeira. Tinha chegado em casa dois anos antes no dia do meu aniversário, trazida por um vizinho em uma caixa de papelão onde se lia na lateral “California Peaches”. O seu Rui era o dono de uma banca de frutas na feira, que acontecia aos sábados na rua de casa. Segundo ele, o filhote era de raça, o mais forte da ninhada.

– É uma fêmea, Dani. Vai crescer bonitona.

Carinha branca, com exceção de uma mancha marrom no olho esquerdo que se estendia pela cabeça e pintava todo o corpo. O melhor presente que um menino poderia ganhar, depois de um bonequinho do Comandos em Ação: um cãozinho de raça, e ainda por cima importado, e importado da Califórnia. Seria o melhor presente, se logo em seguida não viesse o balde de água fria de mamãe.

— Na, na, não. Nada de cachorro. Muito obrigado, seu Rui, mas o Daniel não pode cuidar de cachorro.

Uma falta de educação da parte dela, recusar um presente, o meu presente. Nesse tipo de situação eu recorria ao papai, colocar a opinião dos dois em conflito me dava mais chance de obter sucesso se conseguisse convencer um dos lados. Funcionou, disse a ele que um cão de raça só viria a calhar, afinal, iria proteger a casa e me ensinar responsabilidade. Eu sabia do que estava falando, tinha visto num filme, um menino que ganha um cão e aprende os valores de se ter um amigo por perto. Além do mais, quem é que não gosta de cachorro? O animal preferido do mundo, não era à toa que o John Candy era um cachorro em *Tem um Louco Solto no Espaço*.

Algumas horas depois o seu Rui estava de volta, assistindo à corrida e tomando cerveja com papai. Contava como tinha encontrado o filhotinho. E foi assim que a cachorra entrou para nossa família.

Fui o primeiro a perceber que ela havia sumido. Quando acordei pela manhã, não havia nada ao lado da minha cama além de um cobertor embolado. O quintal também estava limpo, não precisei recolher os vestígios noturnos como de costume. Desci de pijama para a cozinha e, com pose de adulto, preparei um chá enquanto esperava mamãe acordar. Mal ela havia aparecido na porta, avisei:

— Não vou mais, preciso procurar a cachorra.

Eu estava inscrito num programa de jovens, não por vontade própria, que se preparavam para receber a primeira comunhão. Du-

rante três domingos consecutivos nós nos reuníamos num casarão para passar o dia participando de dinâmicas, assistindo a palestras e cantando Legião Urbana com um violão desafinado. Na hora do almoço todos ajudavam a preparar a comida e lavar a louça, tudo isso com mais Legião Urbana. Mamãe havia convencido dona Ivone, a mãe do meu amigo Túlio, a inscrevê-lo também. Assim, receberíamos o corpo de Cristo pela primeira vez e, talvez, isso aplacasse essa fúria que crescia dentro de nós, garotos de dez anos.

Três domingos? Era preciso acordar cedo durante três dias, que deveriam ser nossos dias de paz e descanso, para participar da ceia do senhor?

— Você vai sim, mocinho. Já combinei com a Ivone, ela vai levar vocês.

— E quem vai procurar a cachorra?

Mamãe me empurrou delicadamente para fora da cozinha e decidiu por mim o que eu devia fazer:

— Eu é que não vou. Pergunta pro padre se tem uma oração pra fazer cachorro voltar pra casa.

Durante o trajeto eu olhava pela janela do carro, procurando alguma pista de onde poderia estar a cachorra. Se estivesse perdida, algum mendigo poderia tê-la encontrado, ou um ladrão, alguém da escola querendo se vingar. Postos de gasolina, botecos, feiras livres, nenhum sinal. De vez em quando o Túlio quebrava o silêncio:

— Hoje é o último dia! *Graaaças a Deeeus!!!*

— ...

— E sabe o que tem no último dia, Dani?

— O quê?

— A confissão. A gente tem que falar com o padre, tem que falar os seus podres e...

— Túlio, deixa o Daniel em paz.

— Você tem que falar alguma coisa, qualquer coisa. Se não falar nada, ele vai descobrir, ele é padre, sabe, é treinado pra descobrir seus pecados. E se você mentir, ele vai olhar no fundo dos seus olhos até encontrar sua alma. Vai saber que você bate uma bronha no chuveiro, ele pode fritar seu cérebro tipo aquele filme *Scanners*, sabe?

— Túlio, chega!

Não foi tão ruim o último dia. O dono do violão esqueceu o instrumento no banco de trás do carro do pai, então não houve Legião Urbana. Alguém tentou puxar nas palmas, mas não deu certo, logo desistiram e preferiram adiantar o almoço. A confissão aconteceu no fim do dia, na minha vez, fiquei calado a maior parte do tempo ouvindo o padre falar sobre a importância do sacramento da eucaristia. Antes de terminar, ele disse:

— Você ainda tem dez minutos, não quer me contar nada? Alguma coisa que te deixou triste, talvez?

Eu não queria falar, mas também não queria deixar meus pensamentos expostos.

— Minha cachorra sumiu.

— Sua o quê?

— Minha cachorra. Ela sumiu de casa, desapareceu hoje de manhã.

— Entendo, entendo. Isso te deixou triste?

— ...

— Qual o nome dela?

— O nome?

Minha amiga precisava de um nome, precisava ser batizada naquele momento. A solução veio do alto, no canto da sala, ao lado de uma vela acesa, uma imagem me deu a inspiração.

— O nome dela é Senhora.

— Senhora?

— Sim, como o nome da santa, é uma homenagem.

— Tudo bem, filho, vamos rezar juntos, então.

No caminho de volta dormi a maior parte do tempo, acordei apenas com o Túlio querendo saber o que significava blasfemar.

— Por que quer saber isso?

— Não é nada, só uma coisa que o padre disse que eu devia parar de fazer.

Da mesma forma que sumiu, de repente, ela voltou. Sem fazer alarde, se espremeu entre a grade do portão, cruzou o quadrado de terra do jardim, afastou a porta envidraçada que dividia o corredor e veio dar na cozinha, onde mamãe lavava a louça.

Os inquilinos

Daniella Michelin

O quarto de Gabriela
Já estava bem apertado
Porque várias criaturas
Habitavam aquele espaço

Eram uns tipos folgados
Que chegaram de repente
Nunca foram convidados
Os seres impertinentes!

Surgiram de mala e cuia
Sem nenhuma explicação
Cada um escolheu um canto
Pra chamar de seu rincão

Cobrição chegou primeiro
E não se fez de rogado
Foi pra debaixo da cama
Onde ficava esticado

Com cara de jararaca
E um rabo de escorpião
Tinha patas de preguiça
E uma juba de leão!

Gabriela não entendia
Era só acabar o dia
Apagar todas as luzes
Que a criatura se mexia!

Se não bastasse o terror
Causado por um monstrinho
Quando a menina notou
Cobrição tinha um vizinho!

Se chamava Harcamé
O seu segundo inquilino
E foi morar no armário
Onde ficava escondido

Apesar de meio réptil
(Um rabo de jacaré)
Tinha cara de macaco
Olhos de harpia e chulé!

E quando num armário estreito
Habita um monstro gigante
A porta não fecha e range
Produzindo um “nhéé” cortante

Mas barulho só à noite
Porque de dia Harcamé
Sumia daquele armário
Mania de monstro, né?

Pela fresta ele espiava
Com aquele olhar que fura
A menina apavorada
Mas que monstro caradura!

E se os dois já não bastassem
Outro ser apareceu!
Creleonor era o nome
Da bruxa que lá desceu

Precisando de um lugar
Para fazer suas poções
Instalou-se no banheiro
Trazendo seus caldeirões

Mais plissada que uma passa
Creleonor era horrenda
Com três olhos amarelos
Em vez de boca, uma fenda!

A tal bruxa vinha à noite
Quando o sol já não conforta
Gabriela via a sombra
Que escapava pela porta

Escutavam-se uns ruídos
Um pinga-pinga sem fim
Além de frascos batendo
Horripilante, era sim!

Noite sim, outra também
Ela chamava os seus pais
Que apareciam sonados
Mas nada se ouvia mais

A pedido da menina
Inspecionavam o armário
Examinavam a cama
Vasculhavam o sanitário

Porém a bruxa e os monstros
Que nunca marcavam touca
Sumiam sem deixar pistas
Estaria a filha louca?

E como sempre acontece
Quando saem os adultos
Os inquilinos voltavam
Causando medos e sustos

Gabriela mal dormia
Mas também como podia?
Com três monstros no seu pé
Nem você conseguiria!

Quando vovó Marieta
Chegou para sua visita
Percebeu que Gabriela
Estava um pouco esquisita

A menina então contou
Sobre seus três inquilinos
Explicou suas manias
E também seus desatinos

A avó pensou bastante
E depois deu um sorriso:
“Um chazinho no capricho
Pode dar um jeito nisso!”

A neta ficou cismada
Seria mesmo verdade
Que uma xícara de chá
Traria a tranquilidade?

Elas então prepararam
Uma mesinha de chá
Com cinco banquinhos brancos
Pra cada um se sentar

Toalha azul de crochê
Xícaras de porcelana
Chá de gengibre e canela
E uma torta de banana

Tinha um pequeno cartão
Sobre cada guardanapo
E na letra da menina
O nome do convidado

Os dois monstros e a vovó
A tal bruxa e Gabriela
Todos estavam convidados
Pra bolo e chá de canela!

Quando o céu escureceu
A mesa já estava feita
E sentadas em silêncio
Gabriela e Marieta

De repente ouviu-se um nhéé
Gabriela estremeceu
O armário balançou
E Harcamé apareceu!

Veio assim meio sem jeito
Arrastando aquele rabo
Encharcado de perfume
Carregando sete nabos

Vestia um terno listrado
Com flor azul na lapela
Gorro verde de pompom
E uma gravata amarela

Marieta, delicada
Disse olá bem sorridente
Convidou para sentar
E agradeceu o presente

A menina o encarou
Que coisa mais engraçada
Visto assim, bem de pertinho
Harcamé não assustava

A mesa ficou mais linda
Com os nabos num vasinho
Harcamé comeu a torta
E bebeu o chá todinho

Conversavam amenidades
Quando a cama chacoalhou
Cobrição saiu de baixo
Gabriela se engasgou!

Se achegou engatinhando
Com o rabão enrolado
Levantou e bocejou
Depois riu encabulado

Sua juba de leão
Estava presa com chuquinhas
No rabo de escorpião
Trazia roscas fresquinhas

Parecia bem corado
Talvez fosse a timidez
Ofertou as suas roscas
E acomodou-se de vez

Esquecida do seu medo
Vendo o monstro encabulado
Gabriela elogiou
O seu belo penteado

Cobrição comia a torta
Quando Creleonor surgiu
De tamancos e chapéu
Minissaia e sombra anil

A tal bruxa do banheiro
Parecia uma perua
Com batom carmim na fenda
E um boá de cacatua

Ofertou uma poção
Para medo e faniquito
Gabriela agradeceu
Mas achou tudo esquisito

Creleonor sentou-se ereta
Realmente ela tentou
Mas após sorver o chá
Se envergonhou e relaxou!

Foi uma noite animada
Um falatório sem fim
Tudo tinha explicação
Acredite, é sempre assim!

Creleonor era empresária
Fazia poções de beleza
E tinha um blog chamado
“Seja Uma Bruxa-Princesa”

Harcamé abria a porta
Não aguentava o chulé!
E observava Gabriela
Por curiosidade, né?

Já Cobrição adorava
Uns videogames de ação
Quando ganhava gemia
E pulava de emoção

Cada qual seguiu seu rumo
Terminada a refeição
Pois não só de chá e torta
Vive uma assombração

E o silêncio retornou
Ao quarto de Gabriela
Agora sem inquilinos
Para deixá-la desperta

Mas...
Como nada é para sempre
Certa noite descobriu
Que detrás de sua cortina
Morava o Fantasma Gil

Que escancarava as janelas
Para o vento frio entrar
As cortinas revoavam
Ah! Era de arrepiar!

Mas a esperta Gabriela
Já difícil de assustar
Sabia bem o que fazer
E pôs a mesa do chá

.....

Daniella Michelin (dmichelin@gmail.com). Nasci (em Sampa). Cresci (no Rio). Partii (pro exterior). Estudei (Antropologia etc.). Voltei (pra Sampa). Trabalhei (em consultoria de gestão etc.). Casei (com o Re). Fui mãe (do Noah). Bordei. Atuei. Aí escrevi. Me descobri! E agora, olha só, tô aqui!

Capítulo I¹

Débora Mamber Czeresnia

Foi no dia 20 de fevereiro, aniversário da Priscila. Era um sábado, e a turma estava preparando a república desde cedo. O cheiro do panelão de ponche que eu misturei a tarde toda, provando a cada vez que alguém vinha dar opinião e dizer se faltava vinho, maçã ou açúcar, soprava um carinho doce que subia pelas escadas e abraçava o quarto. Eu retocava o batom, o estômago fervilhando de expectativa. De canto de olho, espiava Priscila, que experimentava uma roupa atrás da outra. Tirou uma saia longa debaixo da pilha de peças que se acumulava sobre a cama, vestiu-a e se olhou no espelho, jogando o ombro direito para frente e abaixando o queixo. A cada vez que trocava o figurino, fazia a mesma pose oblíqua, uma mímica de sedução de si mesma. Tinha um jeito próprio de compor o visual. Misturava estilos e estampas que, no corpo dela, se encaixavam. Completava 20 anos, data redonda, o primeiro aniversário sem nenhum parente num raio de 200 quilômetros. Queria brilhar mais do que sempre brilhava.

¹ Primeiro capítulo de um romance em desenvolvimento.

Já eu, depois de algumas tentativas e apesar da insistência dela, não tinha conseguido me separar do meu jeans de todos os dias. Com ele, eu estava segura, confortável, e, além disso, minhas pernas finas ficavam camufladas. Ela fez questão de me emprestar a blusa branca de renda nordestina que a gente tinha comprado juntas numa lojinha barata da rua Augusta. Apesar de ficar com os ombros e o colo à mostra, não me incomodei, mesmo sabendo que, metida naquela blusa, eu parecia um arremedo de Priscila.

Os acordes iniciais de *Come As You Are* soaram lá da sala. Era o Paco, fazendo os últimos testes nas caixas de som. A vibração do baixo atravessou o piso e empurrou meu corpo num balanço ritmado. A Pri começou a cantar com uma voz aguda e desafinada. O som da campainha deu a largada da noite. Anda, Pri, põe logo a saia azul que fica bem melhor com esse top. Ela bufou, tirou a saia longa, agarrou a azul e provou-a pela terceira vez. Era bem justa, deixava ainda mais marcada a curva acentuada que saía da cintura e se arredondava na bunda, um exagero de carnes dispostas nos lugares certos. Virou-se de um lado e de outro em frente ao espelho. É, acho que combina melhor mesmo, concordou, enfim. Descemos as escadas em saltos e fomos direto para a cozinha.

A Cris estava terminando de cortar o brownie batizado. O primeiro a chegar ganha o primeiro pedaço, disse ela, entregando-o para um cara meio corcunda, ossudo e cheio de marcas de espinhas. A Cris nos apresentou: era o André, primo do Paco. Morava em Londres e tinha vindo visitar a família. A Priscila se inclinou para dar dois beijinhos na bochecha dele, e ele retribuiu, meio sem

jeito. Repetiu o gesto robótico comigo, como se já tivesse se esquecido que era assim que as pessoas se cumprimentavam no Brasil. Deu uma mordida no brownie, com a mão esquerda em concha debaixo do queixo, tomando cuidado para não deixar as migalhas se espalharem pelo chão, enquanto respondia às perguntas da Pri sobre Londres. Não, não era tão frio assim, mas no inverno fica escuro às 4 da tarde. Puta merda!, 4 da tarde! É, fora que chove o tempo todo, ele disse, mastigando com força a gororoba dura e grudenta que tinha na boca. Quando acabou de comer, sacou do bolso um saco plástico que balançou como um pêndulo no ar. Trouxe isso aqui na mala. Nessa hora o Paco entrou na cozinha. Ao ver o pacote, arregalou os olhos e o arrancou da mão do André. Sensacional!, gritou, tirando de dentro dele um pedaço de papel de cores berrantes com o desenho da boca dos Rolling Stones, que mergulhou imediatamente na panela de ponche. O André arregalou o olho: Isso é muito, meu, cê tá louco! O Paco riu. A gente tem que se conectar com a energia da abundância, disse em tom profético, mexendo a bebida com a concha. Ele vivia com um livro do Timothy Leary debaixo do braço, e vira e mexe recitava uma frase ou outra, em suma dizendo que ácido era a porta de entrada para uma outra dimensão, uma ferramenta para o conhecimento do cérebro humano, que se o mundo todo tomasse ninguém ia matar ninguém, coisa e tal. Mas eu morria de medo que essa porta de entrada se trancasse assim que eu me visse do lado de lá.

A Priscila foi a primeira a se servir. Era a aniversariante, tinha a preferência. Melhor colocar só metade do copo, aí você vai

vendo o quanto bate, se quiser depois pega mais, o Paco falou. Ela não era do tipo obediente, mas dessa vez não discutiu. Deu uma cheirada e em seguida experimentou. O gosto não mudou nadinha, disse, e deu um gole mais generoso. Cada um se serviu, fizemos um brinde. Encostei a boca no copo e respirei fundo, vendo todos beberem. Não dava para voltar atrás. Virei o copo. O líquido morno e grosso esquentou minha garganta. Não era verdade que o gosto não tinha mudado. Tinha um quê de metálico que ficava na boca e parecia sair pelo nariz. Meu corpo estremeceu. O Paco riu: Vai te fazer bem, Lúcia, você vai me agradecer, e saiu atrás dos outros em direção à pista.

Na hora que bateu eu estava dançando, e fui sugada por uma combinação estranha de enjoo e vertigem. Procurei pela Priscila, pelo Paco, pela Cris, por alguém em quem pudesse me escorar, o coração acelerado, as pernas se liquefazendo, a música estridente pinicando meus tímpanos. O sofá parecia longe, a sala estreita apinhada de gente se esbarrando. Esbarravam em mim também, eu me deixava ser arrastada. Já não dançava. Fechei os olhos e senti o corpo caindo e estático ao mesmo tempo, a luz cintilando na retina com padrões coloridos e congelando meus movimentos, como uma máquina fotográfica em modo metralhadora. A música atravessou minhas veias e começou a pulsar dentro delas, me deixando mole e leve, sem ossos, tão dentro de mim que o fora deixou de existir, a não ser por encontrões ocasionais. Não queria nunca mais sair daquele dentro, uma intimidade só minha e que me bastava. Bebia de um prazer novo, me fluidificava em uma dança sinuosa que tra-

zia a sensação do infinito para meu ventre. Uma mão pousou sobre meu ombro. Senti o calor daquela mão, uma mão grande e pesada. Lúcia, tá tudo bem? Abri os olhos. Era o Jorge.

Ele e a Priscila já não namoravam mais fazia um mês. Ele ficou um lixo quando ela disse que a relação tinha virado uma amizade, que ele era um cara incrível e que tinha aprendido muito naqueles quatro meses, mas não se via mais com ele. Ensaíamos o discurso juntas, escolhendo as palavras para alcançar a medida certa: ser sensível o suficiente, mas sem dar espaço para que ele insistisse demais e se humilhasse. No posto de melhor amiga do casal, eu era o pombo-correio. Quando eles brigavam, eu me esforçava para ser justa, não deixar escapar nem de mais nem de menos no leva e traz, não cometer uma traição que faria com que ele ou ela se voltassem contra mim. Quando conseguia restabelecer a paz, ficava orgulhosa do meu dom diplomático. Mas era uma paz efêmera. Depois do término do namoro, ele me procurava quase todos os dias, sedento por um pingo de esperança, e eu seguia exercendo minha função de conselheira com nobreza, um consolo por não ter alguém que me idolatrasse com aquela obsessão. No dia anterior, quando ele me encontrou na faculdade e disse que tinha pensado muito e achava melhor não ir à festa, eu fui categórica: Se você não for, a Pri nunca vai te perdoar.

Olhei para a mão dele sobre o meu ombro descoberto, reparando no contraste entre a cor da minha pele e a pele dele, *chiaroscuro*, duas tonalidades opostas piscando sob o globo de luz pendurado no teto, que girava devagar, projetando o universo em

cima da gente. O contraste nunca me pareceu tão grande e tão bonito. A pele dele tinha uma textura aveludada, espessa e uniforme, enquanto a minha era salpicada de sardas que davam a impressão de uma sujeira encardida. Ele me olhava de perto, com uma expressão preocupada, como se tentasse me resgatar de um lugar muito distante, as pupilas dele como duas jabuticabas suculentas, profundamente comestíveis. Sorri. Ele sorriu também, e aquele ar de preocupação se dissipou. Começamos a dançar. Você tomou o ponche?, ele gritou no meu ouvido, e eu fiz que sim. E você? Não, tô com medo de entrar numa bad trip. Eu não perderia essa se fosse você, eu disse. Segurei a mão dele. Pode tomar, eu não vou deixar você ficar mal, falei, com uma segurança lisérgica. Ele me olhou duvidoso e eu o puxei para a cozinha. Enchi o copo, dei mais dois goles grandes e o estendi para ele. Vai fundo, você não vai se arrepender. Ele bebeu o copo todo.

A essa hora já tinha tanta gente na casa que era difícil passar de um ambiente a outro. Avançamos devagar por entre corpos suados, quentes e convidativos. Esbarrei na Cris e ela me abraçou com uma efusividade que eu teria estranhado se fosse em qualquer outra situação. Sempre tão contida, a Cris tinha mania de por a mão na frente da boca para rir, feito uma gueixa, mas ali ela tava soltinha, soltinha. Foi tão bom você ter mudado pra república, ela disse, pegando na minha mão. Vi de perto as pupilas dilatadas nos olhinhos de nissei dela. Você tá bem louca, né?, eu disse, e nós duas caímos numa gargalhada cúmplice. O Jorge riu também, e se deixou levar de volta pra pista na hora em que o Paco pôs Wonde-

rwall pra tocar e todo mundo começou a cantar “Today is gonna be the day that they’re gonna throw it back to you”, um uníssonos que me abocanhou e me fez começar a pular. O Jorge se mexia devagar, fora do ritmo e com uma expressão séria e distraída, e então eu entrelacei meus dedos nos dedos dele e puxei com força, trazendo-o para o centro da sala, onde não tinha outra saída a não ser pular junto com a multidão. Ele aderiu, talvez para me agradar, mas o olhar dele fugia e percorria a sala, ansioso. Peguei o rosto dele com as duas mãos, uma em cada bochecha, fiz ele olhar pra mim e disse bem séria, Para de procurar a Priscila, sua vida tem que andar. Eu nunca tinha sido tão sincera e ele deve ter notado, porque logo disse, cê tá certa. Foda-se a Priscila. E passou a dançar com vontade.

O Jorge dançando era demais. A África dentro dele aflorava, ele se mexia que nem serpente, tudo nele feito para isso, para mover-se no ritmo que fosse, lento, rápido, rock, reggae, MPB. O pessoal em volta abriu um pequeno círculo para ver o espetáculo, deixando espaço para que ele mostrasse do que era capaz com aqueles braços e pernas compridos que pareciam não ter ossos. Era como uma marionete, puxada por fios invisíveis, que provocavam espasmos engraçados e exagerados. O movimento deixava um rastro granulado no ar denso de fumaça e luzes coloridas. Quando ele me olhou, abriu um sorriso gigante, aproximou-se do meu ouvido e disse baixinho: bateu. Percebi, respondi, rindo. A gente se olhou, minha alma e a dele desfrutando de um canal direto de comunicação, sem palavras, num tempo fora do tempo. Ele agarrou minha cintura e me aproximou dos quadris dele, levando meu corpo a

serpentear como o dele. A gente já tinha trocado tantas palavras, tantas conversas sobre tantas coisas, mas nunca eu tinha sentido aquele corpo tão de perto, a temperatura, a pulsação, o cheiro. Era estranho e bom, mais bom do que estranho, e quanto mais tempo eu passava colada nele, ficava melhor do que eu queria que fosse, melhor do que eu sonhava que fosse. Aceitei aquela cadência como se aceita um presente, levantei os dois braços em direção ao teto, solta, entregue. Senti outro corpo colando atrás de mim e uma longa lambida no suor da minha nuca. Não me virei para ver quem era, deixei o prazer derreter qualquer pensamento de autocensura. O Jorge grudou o rosto no meu, e eu senti uma brisa açucarada do álcool evaporando dos poros dele, entrando nos meus, percorrendo minhas entranhas. Seus lábios grossos e suculentos me engoliram.

Os três corpos passaram a pulsar juntos, mãos se apropriaram dos meus peitos e as minhas palmas buscaram músculos para moldar, sedentas por um toque novo, firme e suave ao mesmo tempo. No centro dos dois, fui conduzida para as escadas, e subimos cada degrau como uma unidade, chegando cada vez mais perto do quarto, sob aplausos e gritinhos excitados de uns e a mirada condenatória de outros, que eu desafiava devolvendo o olhar com o mesmo prazer com que deixava uma mão escorregar por entre minhas coxas.

Na cama, fui transformada em uma boneca de pano, manipulada com destreza por mãos que já não sabia a quem pertenciam, enquanto o burburinho lá embaixo persistia, agora abafado pelos gemidos que se sucediam num crescendo. Tive a impressão de ouvir a

porta se abrindo, risos e sussuros que me fizeram gemer ainda mais alto, já sem controle nenhum do meu próprio corpo, suores e salivas e gozo se amalgamando e produzindo um perfume inebriante, a vagina abocanhada por todos os lados, desvendada, exposta e reexposta na sua obscuridade insaciável. Pulsava da cabeça aos pés, animal em brasa oferecido ao deleite dos machos.

Acordei sozinha, largada na cama. A claridade do sol alto rasgava o quarto todo e me golpeou com a lembrança da noite. Do Jorge. Do outro cara. Do Jorge. Do Jorge. Do Jorge. Cada relance de lembrança vinha escoltado por uma camada grossa de vergonha. Minha pele, os lençóis, o travesseiro, impregnados de um cheiro agora ácido que penetrava minha consciência como um dedo inquisidor, exigindo uma retaliação. Virei o rosto. Ao lado, a cama de Priscila, com a pilha de roupas do mesmo jeito que antes. E nada dela.

A casa estava silenciosa, mas os ruídos da rua atravessavam a janela, a vida lá fora zumbindo na rotina de sempre, insensível. Levantei num impulso e abri o vidro, deixando o ar do quarto se renovar. Caí de novo no colchão feito farrapo e fui tomada por um choro convulsivo. Puta, vadia, culpada, culpada, culpada.

Umás duas semanas depois, a culpa virou outra coisa. Um troço dentro do meu corpo que me trancava o estômago. Tudo que eu comia me fazia mal. Fui soterrada por um sono categoria 7 na escala Richter. Virei a aluna que dorme em cima da mesa em todas as aulas da faculdade, babando na carteira e tudo.

Aí, a menstruação atrasou. Duas listras azuis na porra do teste.

.....
Débora Mamber Czeresnia (deboramamber@gmail.com), em 15 anos de jornalismo, publicou reportagens em diversos veículos do país. Roteirista do curta-metragem *Timing*, vencedor de prêmios no Brasil e no exterior, estreia na direção com o longa-metragem *Um Samurai* em São Paulo, a ser lançado em 2021.

Prosa do documentário

(trecho)

Diogo Paoliello de Medeiros

Há uma cena do filme *Jogo de cena*, de Eduardo Coutinho, em que uma mulher conta sobre a experiência traumática de ter visto a mãe ser internada por causa de uma doença: “Eu tinha onze anos quando isso aconteceu”.¹ Nós a conhecemos: é a atriz Fernanda Torres. O filme é supostamente um documentário. Mas a narração é de repente interrompida; a atriz começa a falar sobre a dificuldade de interpretar outra mulher: “É engraçado... Parece que estou mentindo para você...”. “Por que você acha?”, a voz de Coutinho pergunta, por trás da câmera. “Porque eu não tenho essa sensação sozinha”. “Você acha que está próxima demais [da mulher cuja experiência está sendo interpretada]?”. “Não sei, é delicado, não sei... Eu não separo ela do que ela diz, acho impossível separar. [...] Parecia que minha memória estava mais lenta que a dela, parece que a fala vem antes de você ter visto, entende? [...]” Um corte rápido e Fernanda Torres passa a falar de uma gravidez precoce e acidental.

¹ JOGO de cena. Direção de Eduardo Coutinho. 2007. (105 min).

Fernanda Torres, ficamos sabendo nessa cena, está interpretando a experiência de uma outra pessoa. Mas o que significa interpretar? Como se define uma performance? *Como separar a pessoa do que ela diz?*

Há uma cena de outro filme de Coutinho – *Peões* –, em que o diretor pergunta a um ex-metalúrgico se ele sente saudades da época das greves do ABC.² Depois de esboçar uma resposta e ficar quase 30 segundos em silêncio diante da câmera, o homem olha para o diretor e pergunta: “O senhor já foi peão?”. “Não”, responde Coutinho. O ex-metalúrgico não é um ator; aqui não há jogo de cena. Mas a pergunta poderia ter sido feita por Fernanda Torres, com uma pequena variação: “O senhor já foi mulher?”. Essa formulação (“O senhor já foi...?”) não deixa de ser uma síntese do cinema de Coutinho. Porque o cinema de Coutinho é uma investigação sobre as relações de alteridade. A fala – a linguagem – é o meio através do qual essa relação se torna possível; mas só até certo ponto: não há linguagem que alcance a experiência de ser mulher, ou de ser peão. Coutinho sabe disso, e vê beleza no paradoxo de que a única forma pela qual podemos nos entender é a mesma que nos mostra que jamais nos entenderemos.

Eduardo Coutinho: “Essas relações [com os personagens], na verdade, são relações eróticas. No sentido amplo da palavra [...], num sentido em que não se usa mais: são relações de corpo. [...] O corpo fala, e a fala que está ligada ao corpo, quando é visceral, é porque há

² PEÕES. Direção e roteiro de Eduardo Coutinho. Videofilmes, 2004. (85 min).

uma relação erótica. Nesse sentido, acho que eu sou bom. Sou bom para provocar isso. Talvez porque... porque eu não espero nada.”

Escrevo com o corpo. E o corpo tem um lugar: na casa, no mundo, na história. A linguagem, nesse sentido, continua inseparável do corpo. Mas como fazer com que nas palavras gastas persista algo das coisas? Como fazer da minha relação com quem lê uma relação erótica? Como *alcançar* o outro?

Quando teclo, palavra por palavra, algo que ouço Eduardo Coutinho dizendo em um vídeo do YouTube, eu estou escrevendo? Estou interpretando?

Para Coutinho, em suas próprias palavras, *as interpretações são sempre selvagens*. A palavra “interpretação”, aí, tem, a princípio, sentido diferente da interpretação da atriz Fernanda Torres. Mas pode ser que as definições estejam mais próximas do que parece. A interpretação da afirmação de Coutinho significa o modo como traduzimos em nossos termos – na nossa cosmologia pessoal – o que ouvimos, lemos ou assistimos. Em outras palavras, é como nos relacionamos com aquilo que vem do outro, e de que modo é possível fazermos o que é do outro passar a ser nosso. Não é isso que, de alguma maneira, Fernanda Torres faz em sua performance?

Coutinho diz que as interpretações são selvagens, no sentido de não termos controle sobre elas. Quando a sua conversa com alguém é filmada, não se pode prever a maneira como o público reagirá à cena. É possível que riam de modo (inconscientemente) cruel do constrangimento alheio; é possível que vejam ridículo em uma personagem que, para o diretor, expressava a mais alta dignidade.

As interpretações são selvagens porque as possibilidades de tradução de cada relação de alteridade são inesgotáveis.

Para que Fernanda Torres interprete (traduza) a experiência de outra mulher, é preciso que ela se deixe ensinar pelo que é do outro; é preciso que ela “se apodere de uma região selvagem de si mesma”, na expressão do filósofo Merleau-Ponty.

Mas ainda assim: *como separar a pessoa do que ela diz?* O que sobra da linguagem quando ela é separada da fala, do corpo? Existe erótica na palavra escrita?

João Cabral de Melo Neto:

“A atmosfera que te envolve
atinge tais atmosferas
que transforma muitas coisas
que te concernem, ou cercam.

E, como as coisas, palavras
impossíveis de poema:
exemplo a palavra ouro,
e até este poema, seda.

É certo que tua pessoa
não faz dormir, mas desperta;
nem é sedante, palavra
derivada da de seda.

E é certo que a superfície
de tua pessoa externa,
de tua pele e de tudo
isso que em ti se tateia,

nada tem da superfície
luxuosa, falsa, acadêmica,
de uma superfície quando
se diz que ela é “como seda”.

Mas em ti, em algum ponto,
talvez fora de ti mesma,
talvez mesmo no ambiente
que retesas quando chegas,

há algo de muscular,
de animal, carnal, pantera,
de felino, da substância
felina, ou sua maneira,

de animal, de animalmente,
de cru, de cruel, de crueza,
que sob a palavra gasta
persiste na coisa seda”³

³ MELO NETO, João Cabral de. A palavra seda. In: _____. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017.

No poema “A palavra seda”, João Cabral trata, ao mesmo tempo, da impotência da palavra e de seu poder revelador. O uso da palavra “seda” como que a mata; faz com que a força dela como metáfora fique reduzida a um lugar comum: “falsa, acadêmica”. Mas ainda assim há algo que “sob a palavra gasta / persiste na coisa seda”. Há algo na superfície da linguagem – mas paradoxalmente abaixo, ou por trás, de seu uso comum – que nos coloca em contato com o mundo das coisas, um mundo anterior às palavras. João Cabral parece apostar na erótica da palavra, mesmo quando escrita.

Quando, da mesa da minha casa, copio do livro e tecló, letra por letra, esse poema “A palavra seda”, eu estou escrevendo? Estou interpretando?

Ricardo Piglia: “De alguma maneira, um ator é alguém que leu e em seguida diz os textos de outro como se fossem próprios. Na cena, a relação entre leitura e teatro se apagou e é invisível, mas se reconstruímos a maneira como a leitura põe em jogo a representação, é preciso dizer que os atores são leitores que atuam o que leram.”⁴

Me lembro do choque que tive quando, em uma aula de História da Filosofia Antiga, me dei conta da precariedade com que os textos antigos chegavam até nós. A professora falava de um termo grego qualquer, que poderia significar coisas tão diferentes que a escolha por uma ou outra acepção mudaria todo o sentido de um texto. A isso se somava o grau de integridade com que os textos nos

⁴ PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

chegam: incompletos, fragmentados, copiados e recopiados – sabe-se lá com que precisão – diversas vezes e em diferentes épocas. Para que se dar ao trabalho?, lembro de ter me perguntado, sem coragem para compartilhar a pergunta com a professora e os colegas. Para que estudar Heráclito ou Parmênides, se nunca teremos a certeza do que eles queriam dizer com aquilo que escreveram? Aos poucos, com o passar do semestre letivo, fui percebendo nos sorrisos e entusiasmos da professora, que o prazer residia precisamente nisso: na precariedade, nas impurezas.

No momento em que, assistindo a *Jogo de cena*, nos damos conta de que o filme mistura atrizes profissionais às mulheres-“elas mesmas”, a maior revelação não diz respeito à performance das atrizes, mas ao fato de que mesmo as mulheres que não são atrizes estão se expressando por meio de uma performance. A riqueza do filme não está na descoberta de uma mentira (“ah! então Coutinho estava me enganando!”), mas na possibilidade de uma verdade maior: a de que não há caminho entre a experiência passada e o relato dessa experiência que não passe por uma performance.

A memória faz parte do corpo? O que significa compartilhar uma memória de outra pessoa? Como *alcançar* a memória de outra pessoa?

Bibliografia:

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

.....

Diogo Paoliello de Medeiros (diogopme@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1992. Cursa a pós-graduação Formação de Escritores, Núcleo de Não Ficção Literária, no Instituto Vera Cruz, e tem interesse, como projeto de escrita, pelas possibilidades do ensaio em conversa com outras linguagens.

Insônia

Fernanda Cavalcanti

– Posso entrar?

A voz de Clara ressonou pelo quarto que costumava ser de Antonio, e ele viu um dos olhos da irmã espreitando na abertura da porta.

– Claro – ele respondeu, se sentando na cama.

Clara entrou pé ante pé, delicada como uma bailarina, os olhos vermelhos denunciavam que, como Antonio, ela tinha passado as últimas horas se revirando na cama.

– Acordei você? – ela perguntou.

– Não.

Antonio viu os olhos de Clara percorrendo o quarto, uma mochila com roupas bagunçadas estava encostada no armário embutido, e o notebook de Antonio, coberto por papéis do trabalho que ele tinha tentado ler mais cedo, encontrava-se em cima de uma cadeira restante de um conjunto que já tinha sido doado há muito tempo, a escrivaninha que costumava ser sua, estava repleta de livros do padrao.

– Você acha que isso vai ser suficiente? – Clara perguntou de repente, indicando a mochila com a cabeça – Digo, para o tempo que você vai ficar aqui?

– Eu não sei quanto tempo vou ficar – Antonio respondeu, quando Clara deu de ombros, ele percebeu que aquela era uma afirmação ligeiramente otimista.

– Você devia guardar suas coisas no armário – ela disse e Antonio não quis dizer para ela que já tinha tentado fazer isso mais cedo, mas que o armário estava repleto de coisas que não eram e nunca tinham sido dele, por isso, só balançou a cabeça afirmativamente.

– Senta aí – Antonio disse, indicando a cama, e Clara não pensou duas vezes antes de jogar todo o seu peso no colchão que Antonio tinha dormido durante toda a sua adolescência, mas que agora incomodava e parecia estranho e diferente. Ele recolheu suas pernas rápido, e ela encostou as costas na parede ao lado da cama, e apoiou a cabeça em um dos joelhos, ficando exatamente embaixo do pôster do David Bowie, com seu raio vermelho, que Antonio tinha pendurado na parede quando tinha a idade de Clara.

Clara abraçou suas próprias pernas, como se quisesse se enrolar em si mesma e diminuir de tamanho, logo depois fechou os olhos. Antonio pensou em perguntar se ela estava bem, mas achou que, naquelas circunstâncias, essa seria uma pergunta estúpida.

– Eu não consegui dormir – ela disse de repente, sem abrir os olhos – eu tô virando na cama desde a hora que deitei.

– Eu também não – ele disse – acho que é o colchão.

Mas ele sabia que não era.

– Será que ela tá dormindo? – Clara continuou.

– Não sei, talvez ela também esteja com insônia. A gente deve ter puxado isso de algum lugar – ele respondeu e riu, tentando aliviar a situação. Clara não riu de volta.

– Se ela estiver com dor, não deve estar dormindo.

Antonio olhou para as próprias mãos, apoiadas no único cobertor sobrando que ele tinha encontrado na casa, não era o que ele costumava usar na época em que dormia naquele quarto, era marrom e sem personalidade, parecia ter sido escolhido a esmo, como se comprado em uma promoção qualquer.

– Você acha que ela ainda tá com dor, Antonio?

– Ela tá anestesiada, Clara, não tá sentindo nada.

Não era bem verdade, quando Antonio tinha saído do hospital mais cedo, com a missão de encontrar Clara depois que ela voltasse da escola, a mãe deles já tomava morfina na veia, mas ainda gritava. A doença não dava um minuto de respiro, para nenhum deles.

– Será que é suficiente? – Clara perguntou.

– Os médicos sabem o que estão fazendo, Clara – Antonio respondeu, colocando a mão no ombro da irmã, querendo consolá-la, mas sem saber muito bem como fazer.

Clara colocou a cabeça entre os joelhos, escondendo o rosto, Antonio achou que talvez, ela estivesse chorando. Continuou com a mão no ombro da irmã, mas sem qualquer emoção.

– Eu tenho medo de ficar sozinha – ela disse de repente. Antonio tirou a mão do ombro dela rápido, pensando que ele também tinha medo de ficar sozinho.

– Você não vai, você tem o seu pai – ele disse quase sem pensar.

– E... você? – ela disse. Antonio não sabia se ela queria dizer que tinha ele, ou, se ela queria saber quem ele tinha.

– Eu também – parecia a resposta mais fácil.

Clara sorriu pela primeira vez desde que ele tinha contado para ela que a mãe não ia voltar para a casa naquela noite.

– Além do mais, logo ela volta para casa – Antonio respondeu, mas logo percebeu que mentia, mentia para Clara e mentia para si mesmo. A irmã olhou para ele e segurou a mão dele de leve.

– Talvez ela não volte, Antonio.

Ele apertou a mão dela com força e dando um suspiro fundo, começou a chorar, colocando tudo que estava guardando desde cedo para fora.

– Sinto muito – Clara disse, e Antonio pensou o quão irônico era sua irmã adolescente o consolando daquela maneira, quando deveria ser o contrário.

– Eu também – ele disse. Clara apertou a mão do irmão de volta, enquanto ele chorava, mas ela não chorou.

– Posso dormir aqui? – ela perguntou depois de um tempo.

– Pode – Antonio disse, e deitou na cama, dando espaço para Clara deitar ao seu lado. Ele olhou em volta, sem reconhecer aquele quarto onde ele tinha passado tanto tempo, se perguntando por

que o padrasto, em meio a tantas mudanças feitas no ambiente, não tinha tirado o pôster do David Bowie da parede.

Clara dormiu apoiada no seu antebraço, ele a sentiu respirar mais tranquilamente conforme o tempo passava. Antonio passou a noite acordado, mirando o quarto que era seu, mas que lhe era completamente desconhecido.

.....
Fernanda Cavalcanti (cavalcantifernandafc@gmail.com) nasceu em 1990, em Salvador, sempre teve interesse por literatura e por escrever. Formada em cinema, além de ficção e roteiros, também escreve sobre literatura e cinema para os sites *Além da Toca do Coelho* e *Vitamina Nerd*.

Minério

Fernando Rinaldi

E agora vou caminhar até a ponta direita da praia para quem olha para o mar, em direção ao hotel do qual sobram apenas as vigas de concreto cobertas por trepadeiras e uma estrutura que se desgasta com o tempo, a carcaça de um hotel antes perfeitamente iluminado pela vertigem das primeiras descobertas e agora sombrio mesmo quando banhado pelo sol, esse hotel que ainda lá permanece, que nunca foi totalmente demolido ou reformado e que por isso acabou virando nada mais que memorial de quase sete anos consecutivos da minha infância, em outras palavras a construção que perdura do que estou sendo e não sei até quando, o esqueleto que ainda guarda um buraco cheio de terra e teias de aranha e insetos que antes era chamado de piscina, e os muitos andares galgando o morro que separa as duas praias, a de classe média que hoje é dos ricos e a dos ricos que hoje é dos muito ricos, aquele hotel de onde se via toda a praia dos ricos e certa vez olhando mais atentamente se via também minha irmã com nem um ano completo se embrulhando e

quase se ocultando na areia e meus pais ao lado rindo do pequeno ser humano em forma de croquete.

Ontem eu vim para cá sozinho de ônibus e escutei umas vinte vezes seguidas, do começo ao fim da serra, a música do Roberto na voz do Caetano, a mesma que meus pais colocavam para tocar no momento em que a estrada deixava de se estender continuamente e se dobrava feito sanfona, os ziguezagues e a música anunciando que logo os pés iriam tocar a areia branca e eu esperando ansiosamente para voltar àquela areia branca que eu achava que conhecia tão bem, uma saudade, um sonho, porque de alguma forma as férias ali na praia tinham algo de evidente, claro e harmonioso, algo que me enchia todo, de algum modo ali não sentia saudade nem os embrutecimentos do corpo, e de alguma maneira fora dali me sentia exilado como na música mesmo estando completamente rodeado de familiaridades a todo tempo, de um mundo tão próximo, mas quando as janelas e portas se abriam para eu me desfazer das roupas e correr para o mar era como se eu me sentisse em casa novamente, ainda que naquela época eu não compreendesse o que exílio significava e nem supunha que ele também pode ser simbólico, o lugar onde estamos sem pertencer, a fração que imagina de um todo tanto projetado e nunca encontrado nos ecos da realidade.

Pensando agora talvez eu devesse ter contado numa mesma mensagem dirigida individualmente a cada um, à minha irmã e a alguns amigos próximos, cerca de meia dúzia, que eu havia tomado coragem para voltar sozinho àquela praia depois de muitos anos, e poderia ter dado a entender que se fosse para me matar lá seria

o lugar, que a morte de repente me atraiu porque eu carregava um mosaico no lugar do peito há um bom tempo, provavelmente desde que me separei e continuamos namorando sem a exclusividade monogâmica, ou desde que eu fui demitido mas continuei trabalhando como autônomo no mesmo lugar, ou desde que eu terminei a relação com meu analista mas seguí dando notícias sobre meu estado emocional, e tudo isso já faz cerca de um ano e meio e não sei se o limite estava próximo ou já havia sido ultrapassado, poderia inclusive contar na mensagem que eu vinha tentando fugir do meu exílio com muita presença no mundo, e que nos últimos meses foram inúmeros encontros, festas e bebedeiras, o que obviamente agravou o meu sentimento de prescindibilidade, a existência sendo escusada como uma ação de marketing digital qualquer que fiz ao longo dos últimos dois anos e meio, no fim eu diria com convicção que nenhum sofrimento se compara à sensação de que posso estar ou não aqui, ali ou lá, e tanto faz como tanto fez, não ganhei nem perdi nada, que sou exilado para sempre, e se a ausência está em mim o que afinal me torna presente?

Na areia com suas conchas, pedrinhas, plânctons e anéis de lata, refrigerante ou cerveja, vou deixando pegadas e me sinto um pouco presente observando as pousadas e casas que se construíram ao longo da costa onde antes alguns poucos caiçaras e pescadores moravam ao lado dos muito ricos, e isso nem faz tanto tempo assim, agora percebo que o sol deste lusco-fusco vai deixando de arder mas o ar está mais morno do que nunca, o que anima os recém-chegados turistas de fim de semana a se banharem no mar,

calmo para o horário, e é por isso que me distraio com os corpos que passam, porque quero decifrar o segredo da paisagem, quero ler através das duas velhas enrugadas de maiô e chapéu de sol vindo ao meu encontro e na outra direção um casal formado por uma mulher bronzada demais e um homem tão barrigudo que não sei como se mantém de pé, as crianças que brincam de fazer castelo de areia no chão e os pais tirando foto pelo celular, os dois moços mais jovens e musculosos jogando frescobol, e eu com medo de que a bola me acertasse a cabeça decido molhar meus pés na água somente para me afastar deles.

A água está menos gelada do que eu pensava e eu decido entrar no mar até a canela, mas quando percebo que meu corpo inteiro dói, dos pés à cabeça, das unhas às unhas, das tripas à superfície, me enfio até o umbigo na água e depois até o pescoço, e aqui o tempo se contrai e se distende exceto pelo sol que se põe linearmente no horizonte, noto que conforme vai escurecendo e a praia vai se esvaziando, continuo andando mas agora pela água, três quartos submersos, atento ao fluxo das ondas e ao cheiro de peixe assado vindo do meu lado direito, que parece competir com o cheiro da maresia de todos os meus lados, e então eu sinto uma súbita vontade de me livrar do que me veste e andar completamente nu até o meu destino, e assim eu faço, debaixo d'água eu tiro toda a roupa disfarçadamente como se alguém pudesse me ver antes de perceber o mar mudando de cor.

Devo ter caminhado por meia hora dentro do mar e mais vinte minutos fora dele, a água acabou ficando fria demais e por

algun motivo não tive vergonha de sair despido, estou chegando mais perto, mais perto, e agora chego finalmente ao hotel na completa escuridão, nu como só uma praia pode ser e com as mãos vazias, desta vez não coletei conchas como antigamente e larguei as roupas a poucos metros da entrada, neste escuro não vejo mas sei que está lá o hotel à beira da inexistência, ninguém passa por esse canto da praia e parece que o que realmente se alastra é o silêncio, fico contemplando aquela construção, observando os contornos e no entanto o que eu vejo, o que chega aos meus olhos, é tudo menos o hotel, o hotel não chega sequer a se mostrar como uma sombra vaga, olho fixamente para aquele nada e vejo no lugar do hotel a minha mãe entrando e saindo várias vezes da piscina para provar que a água batia abaixo do seu umbigo, e quando ela saía ela encostava em mim para mostrar que o meu nariz batia no seu umbigo, vejo o meu pai voltando à terra firme com um veleiro alugado e pedindo para eu subir e dar uma volta junto com ele, vejo a vela vindo em direção à minha cabeça no momento da cambada e eu disfarçando a dor para não estragar aquele momento com ele, vejo as frases motivacionais que incluíam nas latas de lixo do hotel e também me vejo lendo para minha irmã como se uma frase levasse a outra e a relação entre elas fosse um grande mistério a ser resolvido, vejo milhares de conchinhas reunidas num pote e os potes se acumulando à beira da minha cama, e também vejo, e isso consigo enxergar muito bem, o hotel iluminado pelas chamas, o fogo consumindo a carne e as paredes e deixando os ossos, ouço gritos e correria, vejo o bombeiro que me segurou tão forte pelo

braço que doeu, a minha irmã no colo de outro, vejo horas depois um amigo do meu pai tentando avisar meus avós que o pior havia acontecido, percebo como vultos os dois corpos carbonizados que na época tentaram me impedir de ver, e curiosamente tudo passa mais lentamente que no passado mas também mais rápido, talvez eu agora até veja neste vulto o desfilar dos séculos através de um nevoeiro, ou a máquina do mundo ou o inconcebível universo, mas certamente não vejo agora o hotel por inteiro, o hotel não emite nenhum ruído, o hotel não se manifesta, nunca se manifestou realmente, e estou chegando à conclusão de que só pode ser ele, que sempre foi ele meu verdadeiro exílio e não o contrário.

Hotel e exílio, exílio e hotel, devaneios de anos que agora se queimam definitivamente, experimento uma inesperada alegria por alcançar essa ideia, como uma pausa nos meus tormentos que há muito não se sentia, tão apaziguado que eu continuaria aqui de pé para sempre, mas meu corpo ainda dói e sinto frio, parece que a temperatura despencou uns dez graus e se eu não partir não aguentarei o retorno, resolvo então voltar e colocar novamente minhas roupas no corpo composto só de areia, sais minerais e calafrio, e andando pelo caminho sem prestar atenção no rumo dos meus passos saio em busca do som do oceano, dos murmúrios noturnos da praia, e reparo ao longe na rocha cortando a onda insistente, penso que há dentro do mar as conchas com o mar também por dentro, também que nunca irei coletar, não tentarei lhes dar sentido, vou voltando resignado pelo mesmo caminho, a razão da desistência que não se explica, a cada passo desistindo de inventar um coração

onde não pode haver mistério e desistindo portanto de contar aos meus o que quer que fosse, o hotel mudo e surdo com seus quartos soturnos ficando para trás, o meu hotel com lençóis de algodão se aproximando à frente, eu mais macio após a negativa das pedras da areia, que vez ou outra machucam meus pés descalços, mas continuo a andar sem me importar, porque agora falta pouco e porque a dor também é pouca. É só de leve.

.....
Fernando Rinaldi (fdavinorinaldi@gmail.com) é formado em Relações Internacionais pela PUC-SP e em Letras pela USP. Atualmente, trabalha na editora Companhia das Letras como responsável pela venda de direitos dos livros brasileiros para o exterior e para adaptações audiovisuais.

Assassinato à beira-mar

Isay Weinfeld

A praia acanhada estava deserta. Nem uma vivalma.

Ia caindo a tarde, apagavam-se os últimos brilhos no céu.

Chuviscava intermitentemente. As gotas de orvalho eram como lágrimas da aurora. Sentia-se a mudez no ar.

As ondas do mar eram frouxas, preguiçosas.

No horizonte, a imagem de uma canoa solitária parecia uma têmpera modernista. Ela vagava à mercê das ondas, bêbada.

O vento cálido, a lassidão das nuvens e a areia úmida criavam uma atmosfera impenetrável.

A passarada planava delicadamente sobre ninguém.

A solidão era nobre, lacônica.

As espumas das ondas traziam as pequenas conchas fosforescentes, mas antes de se acostumarem com a orla, eram remetidas de volta ao oceano. A natureza não permitia novos refúgios.

A neblina era o grande astro desta intrigante paisagem. Movia-se num silêncio ensurdecedor.

O sereno acentuava a fragrância das damas-da-noite.

Os troncos dos cajueiros cobriam até as cumeeiras dos telhados formando uma barreira inexpugnável.

O tempo era irrestrito, desmedido.

Era este, enfim, o cenário onde se situa este conto que aqui se inicia.

.....

Isay Weinfeld (info@isayweinfeld.com) é arquiteto, formado em 1975 pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ao longo dos anos, também tem desenvolvido trabalhos como cineasta, artista plástico, cenógrafo e designer de mobiliário.

Urso

Jean Ferreira

Nildo se levantou e foi até o aparelho de som, que pra Lilian parecia ser novíssimo. Se olhasse de perto, ela pensou, veria as películas protetoras ainda coladas no visor de LED e nos alto-falantes, como permanecia o iphone dele.

“Vem dançar”, chamou. Mas Lilian ficou observando o pozinho das cápsulas diluindo na taça de vinho, sonhando com o momento em que faria efeito e ela entraria completamente na *vibe* de Nildo. Quando ele começou a pular de estação em estação, o coração dela amargou na garganta, o volume do som aumentando fez a pontada subir da boca do estômago até as têmporas. Foi o drinque luminescente?

“Êeee trem bão!”, Nildo começou a dançar agarradinho com uma parceira invisível. Uma cara de quem sofria de uma desilusão profunda. Ela já tinha escutado aquela música nos bares da Vila Olímpia, dessas duplas sertanejas famosas, música de corno, bem pau mole. Ela gostava mesmo era de heavy metal, aprendeu a escutar com um ex, não entendia nada, mas ouvia pra faxinar a kitnet ou pra se depilar.

Virou a taça de uma vez e se estirou no sofá. Se ficasse quieta por uns minutos o mal-estar passaria logo. Fechou os olhos. Pensou naquele urso imenso estampado na camiseta de Nildo. A figura do urso com uma estrela pairando sobre a cabeça estava em toda parte, em outras camisetas, jaquetas, bonés, copos e na traseira da caminhonete dele. Era a bandeira da Califórnia, ele explicou uma vez, o melhor lugar no mundo. Tinha passado seis meses em São Francisco na adolescência. Sonhava em voltar, “essa merda aqui deu, *honey*”. Um dia Nildo partiria de vez pro paraíso dos ursos em “*youuu esss*”. Não se veriam mais. Levou a mão à boca, a ânsia subiu num pedaço da música

“Você me pisou

Igual se pisa em bituca de cigarro

Você me usou

Como se o meu amor fosse descartável”, as tripas dela logo sairiam pra dançar também.

“O meu amor é descartável”, concluiu. Vende numa máquina. Melhor continuar assim, descartável. Às vezes aparecem uns caras querendo pagar pra ficar de casazinho, alguns até querem namorar. Só complicação. Grude de chicle. Homem chicle, de borracha vagabunda, se gruda na sola, na roupa, não sai nunca mais, gruda ainda mais se você tenta tirar com a ponta dos dedos.

“Um chicle, quer um chicle?”, Nildo ofereceu no primeiro encontro. Conheceu poucos caras que falavam “chicle”. Todos uns filhos da puta. Menos o Nildo. Acabava sempre no apartamento dele. Talvez gostasse daquela atmosfera triste que se instalava em

determinando momento depois que bebiam. Ela podia ser triste um momento, ela mesma, um alívio. Cômico, tragicômico.

Era nova nessa coisa de sair dando por dinheiro, pruns desconhecidos, sem um xaveco, uns olhares, nem que fosse só uma piscadela. Ficou no *app* porque o *app* tem dessas coisas. De dar *match*. Dar depois de dar *match*. Deram *match* ela e Nildo. Jovem, forte, *long neck* numa mão, a outra o polegar levantado, óculos ray-ban.

Tô afim, dinheiro ou cartão

O gatão decide

:p <3

teclando...

teclando...

Teclando teclando, acabou no apartamento do gatão. Ele a recebeu com uma *long neck* e polegar levantado, a manga da camiseta estourando, como na foto do perfil. Lilian deu um beijinho na bochecha dele. “De onde eu venho são dois”, e meteu o nariz na orelha dela. Ela gargalhou, uma risada falsa como a bolsa. “Senta, toma o quê?, tem whisky, energético, cerveja”. As palavras dele tropeçavam nos erros. E desde aquela noite, toda semana fazia programa com o Nildo.

O *match* estava durando demais. Imaginou como seria “ela e ele”, de casal, mãos dadas na noitada, alteração de *status* no *face*, na Califórnia. Mas aí ele teria de deixar de ser tão cafona. Homem cafona é como cicatriz de apendicite, feio demais pra sair expondo

por aí. Nildo teria de passar por uma transformação. Barba, cabelo e bigode. “Faço barba cabelo e bigode”, era a *bio* dela no perfil do *app* no começo. Falta de criatividade demais, inexperiente demais, reconhecia. Na hora do desespero, vai do jeito que dá. Usou por um tempo o *slogan*, depois mudou, “me descubra e jamais esqueça”. O cabelo também mudou, botou loiro, chanelzinho, Nº 5 sempre, uma gota no pescoço, outra no pulso, tatuagem no cóccix, tribal, o chamariz do produto, uma outra bem atrás da orelha, escondidinha, uma borboleta, bem pequenininha. Dançar. Odiava dançar. Odiar Deus e o mundo não cabia muito naquele trabalho. Aprendeu a dançar. Os caras gostam de dançar. Uma risadinha e uma rebolada genérica até o chão já serve, dá pro funk, dá pra rumba, dá até pra dança do ventre. Dá pra dar.

Ela se sentou. O mal-estar se modificava. Percebeu os olhinhos e a boca de Nildo se apertarem e ele se encolher ainda mais no ápice da música

“Eu bebo pra esquecer
Se fosse pra lembrar eu anotava
E de você não quero me lembrar de nada
Nada, nada, nada, nada”.

Teve pena de Nildo. Foi até ele e preencheu o espaço entre os braços fortes. Ela se sentiu no fim de uma festa infantil. Fim de festa não era com ela. Seu trabalho consistia em não deixar a festa terminar. Pegou as mãos dele e pôs sobre os seios. Lilian se arrepiou. Nildo levantou a voz no refrão “Nada, nada, nada, nada”. As formas da camiseta se agitaram, então um poderoso urso invadiu a sala. Deu.

.....

Jean Ferreira (jeancarloscid@gmail.com) é natural de São Raimundo Nonato, Piauí. É graduado em Ciências da Informação e Biblioteconomia, e cursa a pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

Entrelinhas

João Luiz Guimarães

A letra deu entrada no pronto-atendimento, ainda de madrugada, ensanguentada dos pés à cabeça.

À primeira vista, diria tratar-se de um S maiúsculo. Mas, na realidade, não passava de um

J caixa-alta acometido de múltiplas fraturas expostas e escoriações – decorrentes de um acidente de digitação nas teclas de uma Remington 30. E como a máquina era antiga, estava empoeirada e com pontos de ferrugem, foi também necessária a administração de uma antitetânica.

Seus pais não puderam estar presentes no hospital. O pai, uma sólida letra P Arial Bold, trabalhava no período noturno como integrante da fachada de uma grande rede de hipermercados. A mãe, uma corpulenta senhora *M* New Times Roman de personalidade forte, estava fora da cidade. Ela, que fazia questão de não esconder os itálicos e as serifas típicas de sua idade, coordenava um evento pelo empoderamento de letras grafitadas periféricas urbanas.

Sobrou para a irmã x, ainda minúscula, que quase desmaiou ao receber a notícia do acidente. A frieza da luz muito branca, os cheiros tão característicos do ambiente hospitalar, tudo fazia x sentir vontade de sair correndo e entrar na primeira palavra proparoxítona que encontrasse na rua.

O quadro todo ficou ainda mais dramático para x. Outras letras começaram a chegar ao longo da manhã. Todas vítimas de intoxicação alimentar em uma sopa de letrinhas com a data de validade expirada. O ambulatório mal dava conta do movimento repentino. Faltavam leitos e muitas letras precisaram ser acomodadas em macas dispostas pelos corredores.

Era difícil para x, ainda aluna secundarista, em preparação para o Enem, encarar seu irmão sedado e entubado numa cama de UTI. Ele sempre fora um ídolo para ela. E também fora ele quem a incentivara a seguir sua vocação e aprofundar os estudos de álgebra e trigonometria que x tanto gostava. A pequena estudante chegava mesmo a exponenciar-se de tanto prazer durante as aulas dessas matérias.

De repente, o choque do real: a movimentação apressada e atípica das enfermeiras; a chegada esbaforida do cirurgião que operara J; as tentativas de reanimação; o sinistro sinal sonoro contínuo no eletrocardiograma.

A pequena letra não podia acreditar no que se desenrolava diante de si. A vida para x era mesmo uma incógnita. Nem tivera tempo de se despedir do irmão tão querido.

Pensava que era chegado o momento de encarar o seu inesperado ponto final.

Mas o improvável aconteceu. J reagiu milagrosamente aos procedimentos de emergência e voltou a ficar com os sinais vitais estáveis.

x chorava de alegria e com o corpo tremendo, na empolgação do momento, abraçou com força uma trema que fazia a varrição do corredor.

Recebeu do médico uma lista com remédios que J iria precisar tomar em casa durante seu período de recuperação.

Mas havia um problema: x não conseguia ler nada do que estava prescrito.

A letra do médico era incompreensível.

.....

João Luiz Guimarães (jota.souza@uol.com.br) é jornalista, roteirista e escritor. Seu livro *O vento de Oalab* (Edições SM, 2016) venceu o Prêmio Barco a Vapor e o International Latino Book Award. Também recebeu o selo Altamente Recomendável FNLIJ, entrou para o Catálogo FNLIJ para a Feira de Bolonha e foi finalista do Prêmio Jabuti com *Papo Reto & Papo Curvo* (Editora do Brasil, 2018).

Inspiração súbita

Luciana Lachini

Efix ainda respirava. Deitado na poltrona perto da escrivaninha do escritor, com o dorso apoiado na almofada e a cabeça descansando sobre as patas dianteiras, parecia dormir sem preocupações ou dores e não emitia um ruído sequer. Já o escritor, angustiado, antevia o fim de tudo.

Há algum tempo não produzia nada que prestasse e tampouco conseguia levar adiante o seu sétimo romance, *O segredo de Maria Graham*. O prazo para a entrega da primeira versão estava se esgotando. Ele era um dos poucos escritores do país que recebiam adiantamentos pelos livros. Até então, nunca tinha temido deixar de cumprir um contrato – seus textos sempre se materializavam a tempo, bem arranjados, como se ele tivesse descoberto o mistério da criação literária. Mas agora receava falhar.

A ideia do livro era boa como todas as anteriores, considerava. Maria Graham não havia sido escolhida por acaso; a preceptora inglesa da princesa D. Maria da Gloria, filha de D. Pedro I, era uma personagem secundária na história do país, suficientemente desco-

nhecida para permitir invenções, digressões e uma certa linguagem poética que era sempre garantia de boa recepção.

Apenas no primeiro romance, *Trevas temporárias*, tinha tido dificuldades para encontrar uma voz própria. Pouco tempo após a publicação desse irrelevante fracasso de público e de crítica, adotaram Efix. O filho do escritor estava então com cinco anos e queria um bicho de estimação. Cachorro nem pensar; dava muito trabalho e exigia muito, considerava o escritor. Quem sabe um gato, sugeriu a mulher. Talvez, ele respondeu. Todos os grandes escritores tinham gatos, ela informou. Decisão tomada. Foi ele quem deu o nome ao bicho, pois estava lendo *Juncos ao vento* e quis homenagear Efix, servo terrivelmente fiel e de gênio forte.

Olhou para Efix na poltrona: a precisão dos olhos verdes contrastava com a profundidade do pelo negro. Seria absolutamente bonito, não fosse pela gordura acumulada após a castração. Voltou a sentir remorso pela esterilização do gato; a consciência inflamada e pinçada como seu ciático nas épocas mais tensas da vida. Havia retirado a possibilidade de o gato se multiplicar, espalhar seus genes como ele espalhara seus livros. A mulher o tinha convencido de que a castração era um mal necessário porque o gato sofreria muito sem poder sair à rua para procriar. Além do mais, havia muita agitação e algum barulho em certas noites. Lembrou-se de como se sentiu cruel quando Efix chegou do veterinário após a cirurgia. Estava começando a escrever o segundo livro, *Inspiração súbita*, que marcaria uma nova fase de sua prosa e lhe renderia o primeiro de seus muitos prêmios literários.

Devia admitir que a mulher estava certa, apesar de que pelos motivos errados. Muita coisa havia mudado após a castração, e para melhor, embora todos os ganhos viessem acompanhados de algumas responsabilidades para que as coisas andassem bem. A partir daquela época, tudo tinha começado a dar certo, inclusive a sua inserção no tempestuoso mercado editorial. A cada três anos, publicava um livro; era traduzido em doze idiomas; frequentava feiras e festivais ao redor do mundo; recebia destaque nos cadernos de cultura dos jornais.

Foi logo após a castração que escritor e gato adquiriram a rotina que duraria até o fim, e que tantos frutos havia dado para ambos. Entre a culpa e a pena, o escritor ficou com as duas e passou a colocar o convalescente Efix, atado por gazes e esparadrapos, na poltrona ao lado da escrivaninha sempre que se sentava para escrever. Quatro dias depois, o bicho já estava totalmente reestabelecido e o hábito, criado: quando o escritor começava a trabalhar, o gato deitava-se na poltrona e dormia largamente. Algumas vezes durante a manhã acordava, lançava um olhar sugestivo, bocejava, arqueava a coluna para cima como fazem os gatos e mudava de posição. E o escritor escrevia. Faziam uma pausa por volta do meio-dia. Enquanto o escritor almoçava o de sempre, arroz, feijão e bife, Efix também não variava e comia a mesma ração que cheirava a salmão defumado.

Com o tempo, Efix começou a fazer suas exigências e o escritor percebeu que era melhor satisfazê-las se quisesse ter uma jornada profícua. Após o almoço, o gato se roçava nas pernas do

dono e o conduzia para a varanda para que ele o escovasse com método e esmero. Terminada a escovação, às duas voltavam para o trabalho. Com a repetição, o escritor começou a achar aquilo um aborrecimento. Num dia em que Efix estava especialmente insistente, deu uns chutes no gato. Efix passou aquela tarde afastado. Foi uma tarde cinzenta, de desalento e impotência, em que o escritor largou a inflexibilidade com que costumava conduzir sua rotina, admitiu a derrota para a página em branco e se jogou na cama para tirar um cochilo que duraria até as sete da noite. Na manhã seguinte, Efix não se sentou na poltrona, mas o escritor foi buscá-lo para perto de si, fez carinho em seu pescoço e pediu desculpas. A normalidade se reinstaurou e o escritor passou a cumprir a sua parte naquele acordo.

Outra exigência tinha começado por acaso, pouco antes de a mulher mandá-lo embora: um dia ela trouxe erva de gato para estimular o bicho a fazer exercícios e emagrecer. Jogou o pozinho verde de folhas secas e picotadas no chão da varanda; Efix foi tomado por um frenesi engraçado, roçou as costas no piso áspero, rolou, lambeu a erva e felizmente perseguiu o próprio rabo durante uns quinze minutos. Cansado, deitou-se na poltrona do escritório e mergulhou num fabuloso fluxo narrativo. A partir dali, embora o veterinário tivesse garantido que o tal do pozinho não viciava, Efix importunava o escritor pontualmente às três e meia da tarde, quando então este fazia uma pausa para um cafezinho, e o gato, para sua recreação. Foi necessário garantir um suprimento constante para que não escrevesse frases tortas e nem se rendesse ao

lugar-comum, como tinha ocorrido numa semana inteira em que tinha ficado sem a erva. Às quatro voltavam ao trabalho. No fim da jornada, início da noite, Efix aparentava estar esgotado – tudo o que conseguia fazer era se levantar de sua poltrona, ir para a sala, comer um pouco e dormir no sofá até a manhã seguinte – enquanto seu dono estava aliviado e bem disposto.

O escritor se irritava porque quatro saquinhos da erva, que duravam só uma semana, custavam o mesmo que um quilo de carne de primeira. Também ficava nervoso quando o gato se lambia meticulosamente, alongando a língua de forma exagerada, ou quando se espreguiçava no braço do sofá da sala, encravava as unhas no tecido e o desfiava com um esgar sádico. Desejava a morte de Efix naquelas ocasiões – e esse pensamento tornava agora latejante a sua culpa até então latente, pois sabia que o fim do gato se aproximava. Bons tempos aqueles em que Efix provocava... agora só ficava prostrado.

Pensou que deveria ter prestado mais atenção ao bicho quando escrevia o seu sexto livro, *O profeta do amanhecer*, que tinha recebido uma acolhida regular, com críticas de que a sua prosa já andava cansada e repetitiva. Sim, foi naquela época em que o gato passou a ter dificuldades para pular no tanque e beber água corrente da torneira, como gostava. Efix só bebia do próprio pote quando estava realmente com sede. O escritor não gostava desse capricho, coisa de quem reina; além disso, às vezes se esquecia de fechar a torneira e desperdiçava água. Era provável que o problema renal de Efix tivesse começado a piorar quando ele tinha parado de pular no tanque.

Por outro lado, ponderou que não havia tantos motivos para se sentir culpado: havia aberto mão de coisas importantes por Efix. Na época da separação, teve de deixar o apartamento para a mulher para poder ficar com o gato. Ela queria se esquecer do passado de abandono emocional com aquele grande gênio que só se comunicava por meio da palavra escrita, que só comia arroz, feijão e bife, e que a traía com admiradorazinhas que faziam turismo literário nos festivais. Ela queria briga e sabia da importância de Efix na vida dele: ficou com o gato (e o filho) e expulsou-o de casa. Ele teve que ceder a sua metade no apartamento para poder levar Efix consigo e receber o filho todos os fins de semana, afastando o desgaste de um divórcio litigioso. Lembrou-se de como a escrita de *Saco do Sombrio*, seu quinto romance, tinha ficado paralisada até que a ordem se reinstaurasse, até que Efix fosse para sua nova casa e reassumisse seu posto na poltrona.

Agora a dificuldade se reapresentava, mas de uma nova maneira. Mesmo com todos os elementos na mão – personagem, enredo, público, editora – a história teimava em não se desenrolar. Parecia que sua força vital de escritor se esvaía aos poucos... A instigante Maria Graham estava sendo transformada numa verdadeira burocrata, desprovida da verve esperada para uma aventureira inglesa que, antes de aportar no Brasil e viver três anos na corte de D. Pedro I, havia morado na Índia, Itália e Chile.

Efix ainda respirava, constatou de novo enquanto lutava para prosseguir com uma passagem em que o marido de Maria, o oficial Thomas Graham, morria no navio a caminho do Chile. O

bicho abriu levemente os olhos e lhe lançou um olhar sem o lampejo dos bons tempos, como se estivesse embotado. Perguntou-se se não estaria exigindo demais de seu companheiro, pois tinha entrado numa verdadeira maratona de escrita, estendendo o expediente na tentativa de entregar o livro no prazo. Voltou ao texto com a esperança de escrever com verdade a cena da morte do oficial, mas nada lhe veio.

Seria, afinal, a meia-idade anunciando o declínio? Uma certa solidão que nunca tinha incomodado... O filho prestes a fazer pós-graduação no exterior. Mulheres, só para o essencial. Ainda lhe restava Efix, só que Efix tinha pouco tempo pela frente, apesar de parecer saudável. Gatos sofrem silenciosamente: quando apresentam algum sintoma, já é tarde para salvá-los, explicou-lhe o veterinário. Efix era idoso; dezoito anos era muita vida para um felino. Estava fazendo o possível, com os medicamentos e os cinco potes de água espalhados pela casa, além de duas pequenas fontes para que o bicho se sentisse motivado a se hidratar. Havia também a troca da ração seca pela comida em sachês e a necessidade de aplicar soro na camada subcutânea da pele de Efix. Pegava o gato no colo, sentava-se na poltrona dele e enfiava a agulha com a seringa na parte superior da nuca do bicho, onde não doía. Ao mesmo tempo, acariciava-o no pescoço e volta e meia pressionava o êmbolo da seringa para que o soro fluísse. E assim ficavam por algum tempo. Agora ele estava indo embora, e com ele também se ia o passado fértil e promissor.

Ouviu Efix respirando de forma muito profunda, como se estivesse buscando forças pelo ar. Levantou-se da escrivaninha e

foi para perto do bicho; sabia do que se tratava, dessa forma misteriosa que sabemos das coisas da vida. Pensou com todas as suas forças *Não me deixe, Efix, não me deixe, Efix*, e seus olhos se encheram de lágrimas. Abraçou Efix e pediu em voz alta que ele não se fosse – não pedia a Deus porque não cria. O gato partiu de forma serena e aparentemente indolor, liberto da angústia da criação.

.....

Luciana Lachini (lulachini@yahoo.com) é jornalista. Publicou dois livros de contos, *Equilíbrio instável* e *Desequilíbrio estável*.

O poema das palavras extravagantes

Luciana Loew

Um pé bonitinho como o seu é coceguento
Mas se tiver chulé, é fedorento
Já dez pés com cheiro de chulé são um troço xexelento

Um castigo muito longo é um suplicio
Aquilo que você põe no dente, dentifrício
E aquele barulho do recreio é bulício

O que tem no ouvido e no nariz? Orifício
Uma montanha acaba de repente no precipício
Já cair nele é estrupício

Um pedaço de terra é gleba
Um bichinho minúsculo, ameba
Aquele feridinha que você coça chama pereba

O prédio que não pode tombar é... tombado
Quem pensa muito na mesma coisa é cismado
O pernilongo na parede, esmagado (e finado, coitado)

Quando seu time perde você fica acabrunhado
Seu dedo depois do sorvete fica melado
Já se você comer vários, vai ficar empapuçado

Uma coisa que não presta é geringonça
Sabe aquele bichano bonito? Chama onça
E a pessoa que a maltrata é uma baita duma sonsa

Reco-reco é um instrumento que faz... reco-reco
O vizinho do México é o guatemalteco
Mas o da Eslováquia é o tcheco

A bola de gude é movida a peteleco
Já uma coisa esquisita pode ser um treco
E se não tiver utilidade, vira um cacareco

Quem não se deixa enganar é astuto
Sabido, matreiro, matuto
Tanto faz o nome; é esperteza no cocuruto

Quem mede o tempo é a ampulheta
Quem vence o prêmio ganha estatueta
Dizem que o raio do sol é ultravioleta

Quem engana a gente é picareta
Quem mexe em tudo é xereta
E de tanta palavra que achei, fiquei zureta

O dicionário é mesmo um babado
Todo mundo que for chegado
Pode achar uma palavra de seu agrado.

.....

Luciana Loew (lucianoew@gmail.com) foi aluna dos núcleos de Ficção e Infantojuvenil do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz. É consultora de comunicação digital e produtora de conteúdo há mais de dez anos e escreve uma coluna na revista *Pais&Filhos* sobre literatura infantil. Tem artigos publicados em revistas como *Gallie* e *Vida Simples*.

As geladeiras de Gilberto

Luis Cosme Pinto

– Vou comprar a quinta geladeira.

Fui preparado para ouvir um segredo. Doença grave, demissão do novo emprego, problema com a filha pré-adolescente. Tudo, menos geladeira.

O que dizer a alguém que pede angustiado uma conversa e traz como a grande revelação a compra de uma geladeira? A quinta.

É preciso conhecer Gilberto para entender outras estranhezas. Chefe de reportagem numa importante redação de São Paulo, comanda várias equipes, controla horários, escalas de trabalho e conquistou a confiança do diretor de jornalismo daquela televisão. É bem formado e informado, cultiva fontes e se orgulha do texto objetivo e claro que ensina a iniciantes e veteranos.

Um homem ocupado, o Gilberto. Ganha bem e trabalha muito, diz que o jeito de sofrer menos com as responsabilidades é chegar bem cedo e sair bem tarde.

“Tenho uma tese”, afirma enquanto ajeita os óculos com a ponta do indicador amarelado. Nesse momento, ele mais parece o chefe do RH. “Distribuído ao longo da jornada, o estresse se dilui

junto com a agenda do dia, é como se dividíssemos a sobrecarga em doses homeopáticas de compromissos para nós e nossos colaboradores.” Agora, ainda bem, é o Gilberto que volta a falar. “Você pede credenciamento para cobrir o treino do Corinthians, convence a testemunha a falar com exclusividade, anota um pedido de férias, engole a bronca do diretor e acerta os detalhes do debate entre Lula e Collor. É difícil digerir tudo isso em pouco tempo”, insiste, enquanto apaga a bituca de minister no copo descartável com resto de café frio. Esse é o chefe Gilberto numa tarde qualquer de 1989.

O amigo Gilberto, numa noite do mesmo ano, me mostra que nem tudo se resolve tão facilmente. Estamos numa padaria na Vila Guilherme, onde São Paulo é quase Guarulhos.

Tento retomar a conversa. Mas chega a terceira rodada e Jaime, o garçom, tem prioridade.

– O meu com colarinho, Gilberto reforça, esticando o braço e alcançando uma tulipa com espessa camada de espuma.

Enfim, a minha vez.

Gilberto, você me chama aqui, diz que o assunto é sério. Primeiro fala de uma geladeira, depois reclama que tem trabalho demais, sendo que você mesmo diz que o melhor é quase morar dentro da redação. O que é que está acontecendo? Quinta geladeira é um código?

Outra tese.

– O mal da humanidade é a pressa. A geladeira – ainda mais a minha que tem freezer turbinado – é só a ponta congelada de um iceberg. Uma metáfora, garoto. Gosta de metáfora?

– ...

Gilberto estala a língua com o primeiro gole, mastiga a carne crocante do frango à passarinho e só então abre o bico.

– Esther se irrita porque fico mais tempo no trabalho do que em casa.

– E por que você faz isso?

– Porque gosto mais da reunião de pauta do que do papo que temos no sofá, mais da comida dessa padaria do que das receitas esquisitas dela, mais de ver os telejornais do que encará-la saindo do banho.

– Sei.

Impossível não pensar na Esther saindo do boxe de cabelos molhados e corpo ainda quente.

– Esther já disse que vai fazer um curso de gastronomia vegana em Londres. Percebeu o detalhe? Vai fazer. Claro, gostaria que eu pagasse e que tirasse umas férias para acompanhar. Não tenho dinheiro, nem vontade. Esther também implica com a minha filha. No último dia que dormiu em casa, a menina pediu um bife no jantar. Ganhou um hambúrguer de soja com espaguete de abobrinha e tofu. As duas discutiram e ela ameaçou bater na Manuela. Pô, a Manu tem 11 anos. Rosana, a ex, quase foi lá resgatar a filha.

– Que chato. E a geladeira?

– Esther ainda não sabe, mas tô caindo fora. Já vi um sala e dois quartos para alugar. A mobília vou deixar com ela e enquanto não escolho meus móveis vou comprar uma geladeira nova. Esther

ficará com a Samsung que eu trouxe quando começamos a morar juntos. Vou procurar uma Electrolux, com freezer grande e duas portas.

Tanto quanto a liberdade de solteiro, o que Gilberto queria mesmo era espaço para amontoar seu cardápio plastificado: lasanhas congeladas, pães de queijo e hambúrgueres.

Falo mais de Gilberto. Meu amigo tinha então quarenta anos, mas passava fácil por cinquenta. As doze horas diárias de trabalho, os muitos chopes na saída e o revezamento de frango à passarinho, picanha na brasa e pizza de calabresa com minister para fazer a digestão, cobravam seu preço.

Tinha menos cabelos e mais cintura do que gostaria.

– É, será a quinta geladeira, admite Gilberto, um tanto cabisbaixo. Antes da quarta, essa que a Esther já disse que é dela, teve a terceira, uma Consul verde água, simples e até um pouco barulhenta. Eu e Rebeca nos conhecemos no Carnaval de Brasília, no “Imprensa Que Eu Gosto”, o bloco dos jornalistas, em plena campanha das Diretas Já. Foi chuva de verão. Acampeei na casa dela na folia e levei quase dois anos para sair. Ofereci a geladeira que tinha e ela aceitou. A Consul vivia cheia de cerveja e salame, que temperavam as rodas de samba. Ouvíamos Clara Nunes, Nelson Cavaquinho e Paulinho da Viola.

– Tô gostando.

– A gente ria de tudo, gostava de tudo, decorava letras, cantava e dançava junto, tomava banho junto e um enxugava o outro. Depois a gente se molhava de novo. Passávamos os dias na farra, ainda com a ajuda do seguro de vida do pai dela e de uns bicos que eu fazia.

Gilberto levanta para ir ao banheiro. Aguardo a volta doido de curiosidade, com vontade de perguntar como era essa mulher. Ele senta, acende outro cigarro e, sem que eu abra a boca, dá um Lexotan à minha curiosidade.

– Rebeca era bailarina, pernas longas, cintura fina, que delícia. Mas o Sérgio entendia mais de samba do que eu: carioca do Méier, conhecia os morros, as malandragens e sei lá o que ele cantou no ouvido da minha Rebeca. Eu estava de plantão cobrindo o desfile paulistano e o canalha convidou a minha mulher para o Carnaval Carioca. Deu a ela a mais linda fantasia e depois deu muito mais. A cabrocha não resistiu, encheu o caminhão de mudança e partiu para a outra ponta da Dutra. Nem bilhete deixou. Não havia o que fazer e lá se foi a Consul. Ficou também com a coleção do Paulinho. Eu passei a ouvir Lupicínio Rodrigues e até hoje meu cotovelo dói.

Mais íntimo dos amores e das geladeiras de Gilberto, aceitei o chope que Jaime me ofereceu e arrisquei.

– Gilberto, e a segunda geladeira, seria Brastemp?

– Garoto, você acertou! Brastemp, isso mesmo. Mas vamos falar primeiro da Rosana. Ela me encarou numa noite de lua cheia em Trancoso, pegou nas minhas mãos e explicou que era questão de tempo, que eu seria o homem da vida dela e ela a mulher da minha existência. Para sempre íamos viver juntos. Uma vida inteira, eterna. Ali naquela maresia gostosa terminamos o baseado e ouvimos a música de Moraes Moreira, que vinha de um quiosque:

“Deixa eu penetrar na tua onda, deixa eu me deitar na tua praia
Que é nesse vai e vem nesse vai e vem que a gente se dá bem
Que a gente se atrapalha.”

Gilberto se empolgou e repetiu o refrão em voz alta com os olhos fechados e buscando com a voz rouca o sotaque do Moraes.

“...é nesse vai e vem nesse vai e vem que a gente se dá bem
Que a gente se atrapalha.”

“Sintonia” está muito longe de ser das melhores músicas do Moraes, mas, quando queria, sabia ser brega, o Gilberto.

– É garoto, seguimos o conselho do Moraes ali mesmo na areia morna de Trancoso. Nove meses depois nasceu a Manuela.

– Conta mais, mas me dá um minuto.

Agora era minha bexiga que gritava por socorro. No caminho encomendei mais dois ao Jaime.

– A mudança foi apressada e, antes mesmo do berço, o que desembarcou na parede lateral da cozinha do apartamento de Pinheiros, sem elevador e sem porteiro, foi a Brastemp. Ajudei os carregadores. Que luta trazer aquele monumento de aço pelas escadas. Linda, vermelha, de puxador cromado e pés redondos que eu atarraxei com todo carinho.

Gilberto engole em seco, tem os olhos molhados e coça a barba.

– Junto com a Manuela nasceu a nossa família. Nunca amei tanto uma mulher como a Rosana. Dormíamos e acordávamos abraçados. Manuela crescia, a gente era feliz, sabia disso e queria mais. Já tínhamos até escolhido o nome do irmãozinho dela, Teodoro.

No último gole do sexto chope, o casal do fundo já havia partido e a padaria Estrela estava deserta.

Jaime se despede, as cadeiras descansam sobre as mesas. Começa a faxina. Água, creolina e serragem espantam a gordura e encharcam nossos sapatos.

– A saideira!

– Como era gostoso ouvir a Rosana. Professora de português, lia muito, escrevia e se expressava tão bem. Pronomes, verbos, preposições, crases, tudo no lugar certo. Falava também inglês, espanhol e com dois anos de casamento aprendeu o alemão. Logo depois que a Itália eliminou o Brasil na Copa de 82 ela decidiu: queria dominar também o francês e o italiano. Ganhou bolsa para a Universidade de Bolonha e desejava levar a Manuela.

Gilberto abre a carteira e exhibe uma foto da menina. Descabelada, ela penteia uma boneca, no colo do pai. Mais magro, de óculos Ray-Ban, ele sorri para a fotógrafa, que é Rosana, claro.

– Bola dividida, hein, amigo? Tento uma frase de efeito, mas Gilberto ignora.

– Eu disse não, ela insistiu. Eu fechei a cara, ela emburrou. Eu decidi, eram só 3 meses, fazia muito frio, a menina não ia e pronto. Manuela ficou e achei que tinha ganho a parada. O problema é que Rosana também ficou. Ficou por lá. Primeiro mais 3 meses como complemento de algumas matérias, depois mais 3 porque tinha especialização e aí já era verão e porque não viajar um pouco? Numa daquelas praias Adriáticas mergulhou com Angelo e voltou com o italiano na bagagem. Manuela, ainda muito pequena

para entender, passou a morar com a mãe e o padrasto. Engoli o orgulho, a inveja e a gente com o tempo acabou quase amigos. Acho que Angelo ainda gela o vinho na minha antiga Brastemp, vermelha, de puxador cromado e os pés redondos.

Antes da segunda saideira, interrompo a história com a língua um tanto pesada e a voz pastosa.

– Falta a primeira.

– A história dessa até a Rosana e o marido conhecem. Um dia apresentei a eles o Pablo, que trabalhou comigo e depois virou ator. Agora, sim, depois de tanto tempo, eu e ele éramos amigos, nada mais. Com Pablo comprei o primeiro refrigerador. A gente foi junto ao Mappin da praça Ramos. O vendedor indiscreto perguntou se éramos irmãos. Poucos homens moravam juntos no final dos anos 70. Não demos conversa e nos encantamos com a Westhingham, marca americana. Robusta, resistente, cor de café com leite, com gavetas translúcidas, igual a que avó dele tinha em Bauru, onde guardava para o neto os pudins de leite condensado, as mousses e o sorvete napolitano da Kibon. Era lindo o Pablo. Alto, louro, forte e com um sorriso que era só para mim. A gente cozinhava junto, namorava e lia Clarice e Agatha Christie um para o outro.

Enquanto sustento as pálpebras para não me entregar ao sono, admiro a memória do meu amigo. O álcool ilumina ainda mais os neurônios de Gilberto.

– Dei para ele um violão usado, que comprei na loja do Ademir, na rua Teodoro Sampaio, com três cheques pré-datados. Meu

amor muitas vezes me acordou com “Um rapaz latino americano”, de Belchior, e café cheiroso com ovo mexido e suco de laranja. Dividimos a cama, a casa e as doze prestações da geladeira. Ele tinha ciúmes da Sueli, a vizinha do 22, da Regina, minha ex-colega de faculdade, e da Suelen, filha da dona Antônia, a diarista. Sempre jurou que eu era hétero. Eu ouvia e não sabia o que responder. Terminamos sem brigas, num domingo de maio, pouco antes do Dia dos Namorados. Ele se ofereceu para pagar a minha parte da geladeira e eu recusei. Dei a nossa Westhingshouse, com suas gavetas translúcidas, de presente ao meu primeiro e único marido. Lá dentro, deixei uma garrafa de Campari e um pouco das minhas ilusões.

Gilberto pede mais duas latas para viagem que tomamos no táxi.

Sumimos um do outro.

Mudamos de emprego, de cidade, de século.

E até eu troquei de geladeira.

Dia desses, no Facebook, entre posts de notícias e discussões políticas, lá estava o Gilberto me lembrando de tudo isso.

“Alguém sabe se cliente da Porto Seguro tem direito ao serviço que conserta eletrodomésticos? O motor da minha geladeira pifou e eu não quero mais trocar de geladeira. Nunca mais.”

.....

Luis Cosme Pinto (luiscosmepinto@gmail.com) Nasci em 1961, em Vila Isabel. No Rio, me formei jornalista. Comecei a trabalhar em rádios e pequenos jornais. Em 1987, parti para São Paulo. Passei pelas principais emissoras de TV do país e, em 2011, publiquei o livro de crônicas *Ponte aérea* (Novo Século).

ecO dO OcO

Marcella Prado

.....
não ficção

Faltava uma. Terminamos o quebra-cabeças de mil peças. O primeiro que montamos juntos com o pudor do começo das coisas: “Pode colocar a última”, “Não, vai você”. Pronto. Um suspiro, uma constatação. Não havia como fazer vista grossa e fingirmos o contrário: no canto sudeste, limite entre o branco e o resto – periférica e marginal – a peça não estava, sobrava o buraco. Uma única ausência sempre se faz notar mais do que muitas. A peça faltava conspícua, assinalada com marca-texto amarelo: “Viram? Não estou aqui.”

Pensamos tacitamente se teria sido consolo caso faltassem muitas mais. Ele disse que acharia ainda pior e eu assenti com um gesto pequeno, olhando para baixo, minha cabeça alojada na curva do seu pescoço. “Muito pior! Se faltassem várias, seria algo da ordem do complô, as peças tramando contra, em silêncio, com motivo. Assim, uma só, parece que foi apenas o acaso.” Rimos.

O difícil foi descobrir no final que o encaixe, a retidão e o limite não vieram na caixa. O projeto nascera impossível. Porque,

como disse Foucault em *As palavras e as coisas*, “impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se”. O buraco transformara um mapa homogêneo – de fronteiras negociadas e estabelecidas – em esboço incompleto, com o vazio escancarado. E as pessoas não sabem o que fazer dos vazios.

Olho aquele buraco tão pequeno e enorme no quebra-cabeças. Uma falta que parece contagiosa, prestes a se espalhar desmedida, apagando todo o resto do desenho. Me parece que é preciso, obstinadamente, não tentar preenchê-la, mas de alguma forma estancá-la.

Penso no Globo de Yves Klein. Em 1957 ele pintou um globo com seu azul, um azul que ele inventou e leva seu nome. Com esse gesto fez um mundo sem divisões entre países, entre terra e água. Como se a Terra tivesse se transformado em céu e olhar para baixo fosse olhar para cima. Eliminar as fronteiras seria uma possibilidade para abarcar o vazio, suprimindo-o literalmente do mapa. Se tudo fosse uma coisa só, contínua, não haveria mais contato entre corpos distintos e, portanto, também não poderia haver espaço entre eles. O fim dos buracos, das diferenças, dos limites, dos pontos de atrito e troca, do dentro e fora. Pode até parecer um sonho de plenitude, “*Imagine all the people...*” e tal, mas provavelmente seria o fim da vida na Terra.

Terminado o quebra-cabeças, ele subiu o morro com sua roupa de astronauta para olhar as abelhas. Deus me livre de ir junto, não gosto do mel nem do zumbido. Quando ele voltar, desmontaremos tudo, com cuidado para não perdermos mais peças,

e devolveremos à caixa. Essa é a dinâmica: montar para, em seguida, desmontar. Meu pai era um expert no jogo, a mãe dele (do Pedro) também, nossos progenitores vinham de mundos distintos – ele intelectual mineiro, ela quatro-centã paulista –, mas tinham regras claras e semelhantes: não consultar o gabarito na caixa, não se vangloriar do resultado, não ser voraz no monopólio de regiões (isso seria Banco Imobiliário), não invadir o território dos outros (isso seria War). Quando ele voltar, praticaremos essa ética do desconforto que aprendemos, eu com meu pai e ele com sua mãe, nas infâncias distantes de cada um de nós. As pequenas coisas ensinadas com o afeto das pessoas medidas são as mais perenes lições de vida.

A vida tem lá suas soluções para quase tudo. Penso nos embriões e na forma muito particular que encontraram para lidar com o vazio. Criaram recipientes, fizeram das cavidades ocas a matéria-prima da vida; transformaram o espaço entre os corpos em espaços internos dos corpos – coração, pulmão, boca, nariz, intestinos são buracos. Buracos vivos, que se enchem e se esvaziam, pulsando ritmados. Orifícios que, por permanecerem lugares “onde as coisas poderiam avizinhar-se”, têm vocações múltiplas: a boca que canta é a mesma que devora e fala.

Na caixa se lê “*puzzle*” cujo verbo “*to puzzle*” quer dizer confundir, mas também intrigar. Em inglês fica mais claro: montar um quebra-cabeças é aceitar uma provocação; a de viver com um incômodo que só será apaziguado depois de encaixadas todas as peças. Esse percurso pode ser feito na angústia da confusão, ou na fascinação

da curiosidade. Também quando falta uma peça e a paz não vem, a perplexidade diante do buraco pode ter uma conotação negativa ou positiva, de frustração ou de convite. Tenho para mim que, bem de perto, o vazio gera aquela vertigem capaz de nos atrair para o abismo.

Michael Heizer é um dos meus artistas preferidos, ele é um californiano, hoje na casa dos 70 anos, que inaugurou o movimento da Land Art. São trabalhos monumentais nos quais o lugar serve à obra. Não os vejo como instalações, mas sim como explorações poéticas de paisagens diversas. Michael, em particular, revela formas escavando buracos no deserto ou removendo pedras em montanhas rochosas e jardins de museus mundo afora. Suas esculturas são formas negativas, ausências. Um dia ainda vou fazer uma viagem, que já planejei e adiei duas vezes, para o deserto de Nevada onde ele fez um enorme abismo chamado “*Double negative*”, removendo 240.000 toneladas de terra, interrompeu uma formação, antes contínua como o globo de Klein, chamada “*Mormon mesa*”.

Creio que meu fascínio pelas esculturas cavadas de Michael Heizer tem um pouco da vertigem da peça que falta no quebra-cabeças. Já fiz alguns desvios de rota para estar com suas obras e sempre fiquei mesmerizada com o encontro. A viagem de trem para Beacon, a uma hora de Nova York, por exemplo, se soma à obra “*North, East, South, West*” – os quatro buracos geométricos no chão do Dia:Beacon. Da mesma forma, vale perder um dia em Whashington, DC, para ir a Glenstone e ver, entre muitas maravilhas, “*Collapse*”: uma “cova” preenchida por “corpos” moldados na terra retirada de suas próprias entranhas.

Pedro voltou com algumas picadas de abelha, mas, com sua fé inquebrantável no Fenergan, logo estava pronto para empreender o desmonte do quebra-cabeças. Fomos preparados. Sua mãe dizia “O caminho é a gente que faz”. Meu pai dizia “Nadar se aprende nadando”. A ênfase nos verbos é um aprendizado muito remoto e precioso para nós dois. Fazemos: o quadro foi se enchendo de buracos. Como uma fruta estragada, cada peça contaminava muitas outras, se propagando em eco. Apesar de cumprirmos convictamente aquela tarefa, agíamos sem palavras. O silêncio logo foi se transformando em tristeza.

Impossível não pensar no que vem acontecendo lá fora: as covas enfileiradas e o eco oco dos malfeitos, dos não feitos: “E daí, e daí, e daí...” cada vez mais surdo, cada vez mais truculento.

Por fim, as peças enterradas na caixa, a caixa guardada no baú, o baú embaixo do sofá da sala.

O buraco é fundo, acabou-se o mundo. Calam-se os feitos, nem vale a pena nomeá-los mais. Sloterdijk diz “há uma identidade entre batizar e saudar”, ambos são atos de boas-vindas. Talvez por isso, a melhor vingança seja transformar a violência em silêncio, um “desbatismo”.

Um nada.

Uma porta bate com o vento. Ele assopra apagando a luz das nuvens porque vai chover, e varre as folhas derrubadas pelo outono, porque as plantas, sim, seguem as estações. Então, de dentro do meu corpo, de muito longe no tempo, sinto um sopro que é vivo – pneuma, alma, respiração. Na cavidade dos meus ouvidos,

seu eco, que é onda, vibra. No oco da minha boca, feito de língua, dentes e lábios, aquele mesmo vento ganha voz: “nada não é um verbo, o verbo é nadar”.

.....

Marcella Prado (almeidapradomarcella@gmail.com) nasceu no Chile, em 1968. Doutora em Biofísica e pós-doutora em Biologia Celular, trabalhou vinte anos em laboratórios de pesquisa mundo afora. Desde 2017, tem estudado pontos de contato entre ciência e literatura e se aventurado pela escrita literária.

Morumbi

Martha Cavalheiro

Era um ritual, seguido à risca todo santo domingo, até onde minha memória alcança: almoço em família (servido cedo pra não atrapalhar o programa principal), cochilo e futebol.

Nada justificava faltar ao estádio – nem aniversário de filho, Dia das Mães, feriado religioso ou intempérie climática.

No caminho até o Morumbi, ele acompanhava inquieto a escalação pela Jovem Pan AM. Ficou famoso o episódio em que, empolgado com algum comentário do José Silvério, colou a cara no rádio do carro pra aumentar o volume e acabou enfiando nossa Caravan bege na traseira de um Chevette lotado de torcedores adversários.

Não tinha jogo sem emoção, e nem precisava ser clássico.

Meu pai gostava de novidades e tecnologia, portanto foi um dos primeiros torcedores a trocar o radinho por um walkman que, além de ter um som de melhor qualidade, deixava as mãos livres pra gesticular desesperadamente em direção ao campo. Me marcaram especialmente um modelo da Sony amarelinho (supercobijado

pelos primos) e outro com os controles e o dial no próprio fone, que dava a impressão de que ele tinha feito uma gambiarra pra grudar um radinho de pilha na cabeça.

Às vezes, pra uma menina não muito interessada na partida contra o Anchieta de Itanhaém, a comilança no estádio virava a atração principal. Amendoim era de lei: o rapaz chegava com o grande saco transparente apoiado na cabeça e ia deixando pequenas amostras nas mãos de cada um. Me lembro dos montes de cascas que se acumulavam embaixo de nossos pés conforme o jogo avançava. O intervalo era a hora do picolé de coco, que ele traçava com grandes dentadas em poucos segundos. De vez em quando, ele me deixava comer um hambúrguer – e esse era nosso segredo, porque minha mãe não confiava em comida de estádio.

Eu quase sempre me pegava olhando mais pro meu pai do que pro campo, fascinada pela figura tão cheia de energia que torcia e esbravejava sem se importar com a audiência. Pra mim não tinha Muller, Careca ou Dario Pereyra. O jogo era dele.

Cinco minutos antes de acabar a partida, a gente saía, pra evitar a confusão de final de jogo e o encontro com a torcida rival. Assim mesmo, a saída do Morumbi nos reservou algumas aventuras – pra não dizer desastres. Como quando meu primo, o único palmeirense no meio de um bando de são-paulinos, apanhou de integrantes da Mancha Verde por engano. Ou quando quatro ou cinco corintianos escalaram nosso carro e nos aterrorizaram por longos minutos, pulando freneticamente sobre nossas cabeças.

Mas em geral o caminho da volta era bastante parecido ao da ida: meu pai sintonizado na Jovem Pan AM, atento à argumentação e às notas que os comentaristas davam a cada jogador pela performance em campo. Ao chegar em casa, vinham os gols da rodada – e ele torcia e chutava o ar como se nem fizesse ideia do resultado. A gente ria da mania dele, e o domingo ia acabando.

Há 25 anos meu pai se foi. Em todo esse tempo, eu pouco quis saber de futebol, e nunca mais voltei ao Morumbi. Até um dia desses, quando um amigo me convenceu a acompanhá-lo. Então me vi naquele cenário tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho. O Tricolor ganhou a partida, a energia da torcida era emocionante. Mas não tinha nenhum vendedor de amendoim – e se tivesse, a gente não ia jogar as cascas no chão. Ninguém escutou o jogo no walkman pra confirmar se o bandeira roubou mesmo naquele lance duvidoso. No intervalo, procurei feito louca um picolé de coco, mas nem um único sorveteiro passou diante de mim.

Naquele domingo, saí do estádio feliz por ter voltado a um lugar tão cheio de significados, mas também com um certo vazio no peito. Ir ao Morumbi foi como visitar um amigo de infância com quem você perdeu totalmente a intimidade. Não teve a mesma graça. Afinal, o jogo era dele.

.....

Martha Cavalheiro (cavalheiomartha@gmail.com) é paulistana com formação em Publicidade e pós-graduação em Comunicação com o Mercado. Tem mais de 25 anos de experiência nas áreas de Marketing e Comunicação – 20 dos quais no mercado de Cinema | Audiovisual. É apaixonada pelo México (onde viveu dois anos), pela Bahia (onde ainda sonha viver), e pelas palavras (onde vive um pouco todos os dias desde pequena).

O presente

Nataly Callai

Eu espero no centro da cidade às nove da noite. Você cruza a esquina, estaciona o carro, sai porta afora, me dá três beijos. Pergunta como estou, depois pergunta para onde vamos, depois pergunta pode ser aqui, depois sabe o que fazer e deixa de perguntar. Nos despedimos às onze, é cedo, não tenho sono, estou de novo no centro da cidade. Atravesso o portão do parque e me sento na cadeira de um balanço. Me preparo para levantar voo, mas a corrente de ferro arrebenta e eu caio no chão. Estou mais pesada que o habitual.

*

Não nos vemos há três meses, seus cabelos cresceram. Abro a porta, pergunto como vai o soldado, como foi a guerra, deixe-me ver as feridas. Você não ri. Esperei, ao menos, uma carta. Você abre um sorriso largo e terrível e eu penso este é um homem detestável, melhor seria se ele se atirasse pela janela. Você tira os sapatos e

deita na cama. Deito ao seu lado. Na manhã seguinte você vai embora, não consigo dizer que da última vez esqueceu algo comigo.

*

Eu telefono, você atende na terceira chamada. Se vou bem?, nada bem, me aconteceu uma coisa assombrosa. Você vem e vê com seus próprios olhos. Quase diz uma palavra, eu digo silêncio!, você a engole de volta. Ela está dormindo, veja como dorme plenamente, é algo que sabe fazer. Ela acorda, sorri para você o seu sorriso e volta a dormir. Andamos até a cozinha na ponta dos pés, eu falo sussurrando é um presente, estive trabalhando todos esses meses na fabricação e agora está pronta e é sua, você pode levá-la, mas você chora e antes que eu dissesse silêncio! você diz somos uma família.

*

Eu e ela esperamos em frente ao prédio. Você cruza a esquina, estaciona o carro, sai porta afora, traz uma árvore de natal. Faz calor e eu a seguro nos braços. Entre nós duas está o meu suor e o dela, que se misturam. Não posso suportar quando somos eu e ela de novo a mesma gosma, então a entrego a você. Você sobe entusiasmado, assobia, faz um suco de laranja, monta uma árvore de natal e não se atira pela janela.

*

Ela fala frases inteiras e sabe o que gosta e o que não gosta de comer. Estou sentada à mesa da cozinha fazendo anotações. Em frente a mim, ela rabisca em um caderno como o meu. Me concentro no que preciso escrever enquanto ela se distrai. De repente estica um dos bracinhos e alcança a faca esquecida sobre o prato onde está o último pedaço de uma maçã. O que é que está fazendo? Eu me levanto e tiro a faca da sua mão. Começa a chorar e não diz frase alguma. Eu a seguro no colo e arranho espaço para sentá-la no balcão, mas quando afasto as compras, a caixa de ovos se abre e os doze se espatifam no piso branco. Você chega. Fique com ela, por favor. Estou de joelhos limpando o estrago.

*

Ela tem três anos, me segura pela mão e me leva a todos os lugares. Estou sempre atrás. Coleta coisas esquecidas: um controle remoto, um par de óculos quebrado, uma conta de luz. A cada vez que se depara com um de seus achados, o passa de sua mão para a minha dizendo mamãe. Eu quero dizer preste atenção, você estará melhor se não se habituar a confiar a mim o que quer que seja, eu não sou mamãe, é um engano, mas não digo, e ao final do dia jogo fora tudo que ela recolheu.

*

Começou na escola há duas semanas. Nos despedimos no portão, ela entra às duas horas. Gosto de vê-la ir, ficando a cada segundo mais longe, até que se misture aos colegas parecendo uma criança qualquer. Volto às seis, ela me encontra em frente ao carro, me mostra uma flor amarela de papel crepom. Eu digo bom trabalho, seu pai vai adorá-la, e ela sorri para mim o sorriso horroroso. No caminho de volta diz que quer uma Coca-Cola, eu paro o carro para comprar. Espere cinco minutos e eu já volto. Demoro trinta, ela adormece no banco de trás. Chegamos!, ela não responde. Eu grito, ela não responde. Não tenho coragem de olhar. Você nos espera às sete horas, em frente à casa, eu saio do carro, aponto para o banco de trás dizendo lá, tem algo para você.

*

Atravesso o portão do parque e me sento na cadeira de um balanço. Vejo de longe cinco crianças agrupadas em volta de um monumento de pedra, espero que se separem, para que eu possa vê-la. O grupo se dispersa, ela não aparece. Me convenço rapidamente de que ela nunca existiu. Me preparo para levantar voo. Não saio do lugar.

.....

Nataly Callai (natalycallai@gmail.com) formou-se em Cinema e trabalha como roteirista, dramaturga e escritora.

Nunca é só mussarela

Nathalie Lourenço

Ela abre a boca para receber a chuva que cai. São gotas gordas, esparsas, demoram a acertar sua língua, preferindo molhar uma sobrancelha, escurecer a costura da camiseta na altura do ombro. Não têm gosto de sujas. Suja era a rua depois de tantos dias secos. Suja era ela. Tinha pedido o dinheiro, o resto do dinheiro da venda da velha caminhonete sabendo que não diriam não. Logo se esquecerão disso, como esqueceram os outros “empréstimos”: ela era o investimento com pior retorno do mercado. Usavam a palavra empréstimo porque esmola é algo que se dá a um velho na rua com feridas na perna e não a uma sobrinha saudável de vinte e três anos.

A chuva aumenta, não quer correr. Se as nuvens desistirem de segurar a água lá em cima, pode se abrigar debaixo de um toldo, num bar, qualquer teto que possa proteger o cheque. Os tios moram a umas doze quadras do metrô. Naquela hora da tarde, passam umas poucas pessoas, uma senhora de cabelo branco quase violeta cheia de sacolas, segurando o encarte de ofertas do mercado sobre

a cabeça como se aquilo fosse adiantar. Pelo menos o preço do ovo estava mesmo barato. No almoço, tinha requentado o ovo mexido, coberto com uma fatia de presunto. Se não pudesse ver, talvez sentisse menos o gosto. Na família de Roni, nunca se repetia a comida, eles falavam “nossa, mas já comi isso ontem” como se fossem devolver a refeição já digerida lá mesmo no sofá da sala. Gostavam de levá-la para jantar, quanto mais esquisito fosse, melhor. Houve o lugar onde todas as comidas eram defumadas, inclusive o arroz – e um outro em que serviram uma alga fermentada com cheiro de peido. Era uma daquelas famílias em que todos eram claramente feitos na mesma matriz, o mesmo miolo do rosto aplicado em contornos diferentes, boca bem vermelha, nariz pontudo de asas abertas, como um avião. Quando o pai dele estava, podia acontecer de puxar o livretinho com a conta para si, e assim ela pegava a própria carteira devagar, lendo os sinais, não querendo demorar demais nem inibir a chance dele performar seu grande gesto. A senhora do cabelo quase lilás, vendo que ela encarava o encarte, ofereceu uma página da sua proteção improvisada, insistiu, mas ela balançou a cabeça e seguiu. Escuta um farfalhar e quando se vira, a senhora do cabelo lilás está quase sobre ela, dois braços tortinhos com encarte erguido e o hálito de estofado úmido da velha bate na sua nuca enquanto ouve: não faz bem pegar chuva, vamos. Louca! Ela tenta se desvencilhar, algo a prende, uma das mãos da senhora do cabelo lilás a puxa pela blusa enquanto a outra continua a sustentar as ofertas contra o céu cinza, então ela se livra da mão da senhora como uma depiladora arranca uma faixa de cera, súbita, levando

até a raiz dos pelos, e corre para atravessar a rua, metendo os tênis na água imunda.

Os braços estão gelados. Bem agora passa por um muro alto sem portas nem janelas, pontuado por buracos de calhas que despejam um fluxo contínuo de bitucas e folhas marrons. Aperta o passo. No meio do barulho da chuva não escuta muita coisa. E aí vê o borrão. Que puta susto. Um borrão preto no campo de visão, e o borrão é um homem e ela começa a andar ainda mais rápido, ainda mais rápido, mão dentro do bolso sobre a carteira e olhando para frente, bem firme, lá longe. Se ela não puder ver, quem sabe não aconteça nada. Experimenta andar mais rápido, depois mais devagar, o homem muda também de ritmo e continua emparelhado. O metrô ainda está longe, nenhuma portaria de prédio onde ela possa entrar. O borrão começa a falar e ganha contornos quando ela vira para ele logo de uma vez. “Oi. Desculpa. Não quero parecer estranho nem nada, mas você está bem molhada e eu já tou chegando em casa. Não quer ficar com meu guarda-chuva?” Ele é alto e tem as bochechas chupadas para dentro, com cabelos aglutinados com gel. O que esse cara quer? Agradece e diz que também está chegando apesar de ter quase sete quadras pela frente. Andam mais alguns metros. O homem com capacete de gel não se afasta. Ali, pouco mais para frente há uma portaria e ela para, toca a campainha para ver se ele passa reto. Ele pausa bem ao lado, segurando o guarda-chuva sobre sua cabeça. O som insistente da campainha faz o porteiro olhar para ela. Qual andar? Ela diz que vai na Bianca do sexto, mas não, não há uma Bianca do sexto e o porteiro não enxerga que ela quer apenas se

livrar do homem com capacete de gel, cuja respiração parece molhar mais que a chuva. Pede desculpas como se tivesse se enganado, e tenta andar mais veloz, olhando sempre adiante.

O corpo dela todo entra em alerta quando o homem de capacete de gel agarra seu braço, atrás de um arbusto que se move com as gotas. De nada adianta se contorcer. A mão floresce, dedos abrindo à força quando o homem de capacete de gel torce seu punho. Ela faz voar socos com o outro braço, um, dois, três. Uma adolescente magrela que ia passando, breca, hesita um instante. Que porra é essa? Suspira exausto o homem do capacete de gel: “Ela não quer aceitar o meu guarda-chuva”. Lenta, a adolescente magrela acena e se aproxima, passa por trás das costas dela e segura o outro braço. O barbante do guarda-chuva é colocado no punho como uma forca e a mão grande do homem de capacete de gel espreme os dedos dela em torno do cabo. Tem cheiro de plástico barato. Ela relaxa e deixa o corpo pesar, enquanto os dois se afastam, até alegres, acenando: “Se cuida!”

O guarda-chuva está em bom estado. Fazer o quê? Decide levá-lo no fim das contas. O celular apita e é Roni perguntando se vai demorar. Tinham marcado às 18h, mas a tia a atrasara com conversas e cafés sem fim, coisas que não podia recusar durante o delicado processo de pedir, que exigia demonstrações de carinho e devoção quase cirúrgicas. De qualquer forma ela ainda vai dormir na casa dele antes de ir ao aeroporto, bem cedinho na manhã seguinte. As malas já esperavam prontas por ela. O RG. A necessaire com shampoo que cabia na palma da mão. Tudo certo

para o primeiro voo. Como amava viajar. No mês anterior tinham ido para Bonito, tomou banho de cachoeira e algo vibrava quando a água batia nela com força, penteava os cabelos para trás e empurrava, empurrava, empurrava e era preciso fazer uma força contrária apenas para permanecer de pé. Roni riu da versão crua e vermelha dela que tinha saído da água fria e ela sorriu de volta, mas não se escondeu com toalha nem com canga até o momento de voltar para o carro. Ele tinha bancado a pousada, mas ainda havia a comida, o pedágio, a gasolina. Agora passam por ela uns meninos de chinelo, espirrando água, e uma mulher curvada, que deve estar apenas com o umbigo ainda seco, carregando uma grande sacola de papel, daquelas de loja. A mulher curvada se planta na sua frente, “Quer bala gelada de coco, moça?”. Acabou de comer bolo na tia, não quer doce nenhum. “Vai, moça, pode levar... estou dando” e a mulher curvada enfia a mão na sacola e tira um punho fechado, manchado das cores do papel crepom. Ela dá um passo para o lado, tenta passar. A mulher curvada repete o movimento como um reflexo no espelho e ergue uma mão pingando amarelo e rosa. As balas de coco despontando do papel encharcado. “Vamos, é de graça”. Não tem por onde fugir. Não consegue repetir que não e estende a mão aberta. A gosma melada de papel e açúcar passa para sua palma, e ela sente o bolo da tia subir a garganta enquanto corre até a lata de lixo mais próxima, assim que a mulher curvada se afasta.

O tempo piora. O guarda-chuva mal protege sua cabeça. A barra da calça, imprestável. Vai ter que colocar os tênis para secar atrás da geladeira ou ainda estarão molhados demais para viajar.

Um pouco adiante tem umas lojas. Entra na de cosméticos, onde mais gente aguarda o céu se acalmar. Usa umas moedas para comprar um brilho labial chinfrim, e no caixa pede uma sacola plástica. Será que o cheque ainda está seco? Não dá para pegar na frente de estranhos. Guarda o brilho no bolso de trás, mete a carteira no saco plástico e dá um nó. Todas as pessoas se empilham na saída da loja, o pior lugar, o mais molhado, assistindo o mundo cair. A chuva parece querer destruir as calçadas e os prédios, fazer tudo voltar a ser areia. Um cara de moletom vermelho fala “que tempinho...”, ela fala “São Paulo, né” e os eventos climáticos carregam uma conversa toda sobre chuvas e bairros alagados e eletrodomésticos estragados de parentes próximos. “Você tá indo onde?”. “Metrô”. “Tou tomando coragem pra correr até o carro. Quer carona?”. Quase disse sim. Queria que aquele caminho acabasse logo. Muitas das histórias escabrosas que recebe pelas redes sociais começam com mulheres que confiam em estranhos. O moço do capuz cobre a cabeça e dá um pique até um carro uns metros para trás. Seria bom não ter que ficar mais ensopada, mas. O carro demora a ligar e quando pega vem avançando devagarinho, talvez ele queira dar um tchau. Sobe na calçada e para na frente da loja e o moço do capuz se estica todo para abrir a porta, gesticulando. Desvia os olhos para as outras pessoas sob o toldo, encarando um, depois outro, uma mulher baixinha de blusa do piu-piu, um japonês calvo e um estudante, tantos outros. Se não puder ver, talvez não seja com ela. Com o rabo de olho presente que o moço do capuz está descendo do carro. Ele não ia ter coragem de vir pegá-la dentro da loja. Mas

tem e vem, e coloca as mãos sobre os ombros dela, guiando como um volante e aí ela começa a tentar escapar e a gritar “eu não conheço esse homem! Sai! Me ajuda! Me ajuda!”. Ela se contorce. Arremete com o guarda-chuva. Nada. Tenta chutar. Nada. Empurrar. Nada. Finca os pés na calçada com tudo que pode. Ela berra e berra e uma pessoa ultrapassa a proteção do toldo na direção deles e, nossa, o alívio é tão grande, e depois da primeira, outra e mais outra, e então ela percebe que quando chegam a pressão nos ombros dela não diminui, pelo contrário, eles também estão puxando e empurrando até que o solado do tênis desliza e ela é dobrada, ajustada para caber no banco do passageiro e a porta se fecha e trava tão alto e tão perto do rosto.

“Bota o cinto”, sim, de que adianta raptar alguém para matar se a pessoa vai e morre antes numa batida? Ela obedece. O carro tem cheiro de coisa guardada. Ela é tão jovem. Não quer morrer e acima de tudo não quer morrer sem ter ido para Buenos Aires. O moço do capuz, por sua vez, parece tranquilo, tira assuntos do bolso, mas ela não aceita nenhum, a não ser para dizer praticamente sem contexto que o namorado a espera e sabe onde está e que a família toda é de advogados. Nessa hora ele está encarando o sinal e diz que advogado na família dele só o tio Cláudio e ele já aposentou. O carro encosta em uma reentrância larga na calçada onde os motoristas levam e buscam as pessoas do metrô. Leva um instante para ela perceber que é para descer.

Pega o metrô tremendo, olhando para o chão. Não tem onde sentar. Manda mensagem a Roni dizendo que leva ainda uns vin-

te minutos. O 3G está acabando, então fica nos joguinhos, a tela bem perto da cara para manter o mundo afastado. Se não puder ver, talvez não olhem para ela. É horário de pico, todos os molhados da cidade vem fermentar juntos no vagão. O ar é puro hálito. Uma mulher de coque com tetas do tamanho de cabeças de criança acena para ela do lugar em que está sentada. A mulher gesticula apesar de dizer com som “quer sentar?”. Não, quer só ser deixada em paz. “Sua cara não está boa. Senta.” diz a mulher do coque, se erguendo e se desequilibrando com mais uma parada do trem. Ela tenta ignorar a gentileza, e um adolescente vai e se aboleta ali com as pernas bem abertas. “Foi pra você que eu liberei o assento?” A voz da mulher do coque passa de preocupada a ameaçadora, é só um subtom, a diferença do barulho do motor quando se troca a marcha. A mulher do coque tenta arrancar o garoto dali e o homem de óculos ao lado agarra um braço, e a garota de calça branca agarra outro. O adolescente resiste e depois se levanta por vontade própria, xingando todo mundo. Todos olham para ela, guardando o assento vazio. Ela se deixa acomodar dessa vez e permanece o mais imóvel possível até a estação perto da casa de Roni.

Ele a recebe com um beijo na porta, e faz uma dança idiota e adorável cantando “Quem vai pra Buenos Aires? Quem vai pra Buenos Aires?”, e ela levanta o indicador e pula como um cachorrinho, primeiro porque é como ela acha que deveria estar se sentindo, mas logo por empolgação sincera, ela vai para Buenos Aires! Ela vai andar de avião! Amanhã, neste horário, ela vai estar

bebendo vinho no hotel. No banheiro, ela abre o saco plástico com a carteira. O cheque está com uma ponta úmida, nada demais. Que bom. Vai dar. Só precisa passar no banco antes do embarque.

Sai, ele está no notebook. “Reservei também uma excursão pra Mendoza. Duzentos dólares a mais, mas vai ser maravilhoso. Tudo bem?” Tudo bem. Um som estridente invade o apartamento. Interfone. É a pizza que ele pediu para eles jantarem. Nunca é só mussarela. Para não vestir de novo os tênis molhados, ela calça um chinelo. Roni levanta, “Não, deixa que eu vou”. E ela, “Deixa, já estou de pé”. Ele empurra ela para o lado e passa. “Deixa. Que. Eu. Pego.” A porta se fecha. Do outro lado, escuta o girar das chaves.

.....

Nathalie Lourenço (nb.lourenco@gmail.com) é paulistana e redatora publicitária. Publicou em revistas online como *Guetto*, *Blecaute!*, *VacaTussa*, *Flaubert*, *Raimundo*, *VícioVelho* e outras. É autora do livro *Morri por educação* (2017).

Como se diz saquê em japonês (capítulo 1)

Paloma Zaragoza

Eu e André nos separamos, e o mundo abriu pernas para mim, recebi um e-mail da universidade de ciências gastronômicas da Itália dizendo que eu havia passado em seu edital e que, portanto, havia sido convocada para a viagem ao Japão. Iríamos explorar a província de Mie e suas pequenas cidades e produtores, com um grupo seleta de cozinheiros, jornalistas, cientistas, fotógrafos e estudantes de gastronomia que também haviam aplicado para o programa.

Ao todo seriam quinze dias de viagem, o tempo ideal para repensar as coisas, organizar minha vida pós-separação e tirar umas férias emocionais de São Paulo e de tudo que já tinha rolado por lá. Neste momento eu e André ainda dividíamos a mesma casa e a situação estava insuportável: eu dormindo na cama de casal e ele no quarto de hóspedes. A minha sorte e ânimo era que, em menos de uma semana, eu embarcaria para o Japão e o meu tempo estava

tomado por vistos, entrevistas com o grupo da Itália e a documentação da casa nova que eu já tinha dado entrada com a minha amiga Iná, já tinha me organizado com antecedência, pois a depredação da minha relação tinha começado há muito mais tempo. Estava focada demais para sofrer, animada demais com a possibilidade de conhecer novas pessoas e lugares.

Um dia antes do embarque recebi o visto para o Japão, voltei para casa, terminei de fazer a mala e fui me encontrar com o Juliano no Mercearia, um bar do bairro que apesar das paredes sujas e dos garçons mal-humorados, vivia apinhado de jovens adultos velhos, que, como eu, possuem grande dificuldade de abandonar a vida – e a farra juvenil –, um dos poucos lugares que ainda vejo pessoas discutindo Paulo Leminski com a mesma febre de trinta anos atrás.

Juliano estava sentado em uma mesa de madeira na calçada tomando uma cerveja e uma dose de cachaça. De regata branca e suspensórios, calçava um par de coturnos pretos e desgastados amarrado até a metade do caminho do laço; apesar de morar num antigo apartamento dos pais em Moema, Juliano mantinha o estilo de vida de um marginal. Me sentei desconfortavelmente na cadeira a sua frente, ele se inclinou para trás como que querendo me colocar em foco e deu um sorriso que eu considerei tímido. Seus olhinhos apertados já denunciavam uma miopia que a vaidade dele não permitia assumir, toda vez que se mexia na cadeira, o mamilo direito insistia em sair pela lateral da regata e eu pensei na Paula, a sua namorada, com certa pena.

Apesar das diferenças gritantes entre eu e Juliano, sempre houve entre nós uma tênue tensão sexual. Acredito que este tipo de sentimento exista em relações de amizade de longa data, um misto de carinho e curiosidade que se perde no limiar de tantos anos. O desleixo forçado, as calças furadas estrategicamente, suas histórias cabeludas sobre noites em claro regadas a cocaína e punk rock; por detrás dessa sua aparente rebeldia, Juliano tendia a ser um cara cuidadoso com os amigos, respeitoso com as mulheres e isso me tocava, como um certo charme discreto.

Ainda era começo da tarde quando começamos a beber e o calor do fim do verão contrastava com a sua indumentária de couro e jeans. Depois da quinta garrafa de cerveja, Juliano pediu mais uma dose de cachaça e me ofereceu, com aquele mesmo sorrisinho cafajeste que ele sempre fazia quando queria me convencer de algo. Fiz um veemente não com a cabeça, eu sabia quão doida ficava quando bebia cachaça. Juliano deu um gole e me encarando com seus olhinhos pequenos me ofereceu de novo o copo, Prova só um pouco, vai, um brinde à sua viagem, disse.

Por alguns instantes sustentei o copinho cheio até a borda do maldito líquido dourado me lembrando que a última vez que tinha bebido cachaça foi no natal em família e tudo que me lembrava é que discutíamos sobre se comer carne humana era moral ou imoral e eu disse que, não sendo parente próximo e dadas as devidas circunstâncias, eu comeria. Até hoje a minha tia não fala comigo.

O gole desceu queimando a garganta esquentando do esôfago até a entrada do estômago, me relaxando. O segundo gole já

desceu bem mais fácil. Ficamos em silêncio, admirando a horda de pessoas que rapidamente se acumulava a nossa volta na calçada do bar. Acendi um cigarro e fiquei brincando com a cinza que se formava na ponta. De repente Juliano ficou sério, sua testa se enrugou, preocupado. Estendeu a mão aberta por sobre a minha na mesa e fez a pergunta que eu tanto temia: E André?

Retraí minha mão da sua, meio desconcertada com aquele toque, Estava tudo uma merda, respondi com a voz embargada. Conteí a ele que já fazia mais de um ano que sabia das traições. André era o tipo do homem que ainda precisava amadurecer e eu era o tipo da mulher carente que precisava projetar em algum homem a necessidade de ser aceita e amada. O casamento deu certo por três anos e daí vieram as mentiras, as desculpas esfarrapadas e as puladas de cerca cada vez mais desavergonhadas. Demorei muito tempo para entender que a nossa relação tinha acabado me agarrando à ideia de que isso era só uma fase. Dei mais um gole na cachaça, criando coragem para admitir a mim mesma a ideia:

— Só não foi mais difícil porque eu conheci o baiano.

Dessa vez foi Juliano que retraiu a mão da mesa em uma atitude defensiva que interpretei como ciúmes.

— Que baiano? Aquele cara do carnaval?

— Não, o vizinho da minha amiga. No dia que eu e André brigamos, fui para a casa delas e ele estava lá.

— Vocês ainda se veem? Juliano perguntou com cautela.

— Ele meio que disse que eu estava sufocando ele. Bem, ele que estava me sufocando se você quer saber da verdade! Disse

isso frisando a última parte para que não ficassem dúvidas sobre a minha interpretação dos fatos.

Terminei a dose da cachaça, levantei agitada da mesa e acendi mais um cigarro irritadiça. Juliano se levantou também e fomos quietos por um tempo, então ele disse em um tom grave, afirmativo, que se fosse o André, me chuparia todos os dias, Aliás, disse, Não sei porque até hoje a gente não transou!, como se aquilo fosse uma surpresa enorme para ele.

Seu rosto estava muito próximo do meu em desafio, não era a primeira vez que se oferecia literalmente para me chupar ou me comer ou qualquer outra sacanagem do gênero, mas as ameaças nunca se concretizavam. Juliano era o que poderíamos dizer de punk sentimental e para ele a fidelidade fazia parte do seu combate ao patriarcado e ao capitalismo, uma forma de se opor ao consumo desenfreado do sexo fácil e das relações superficiais, bradou numa dessas noitadas.

— Talvez porque você esteja com a Paula e ame muito ela e todas essas coisas idiotas. Respondi em tom de deboche, afastando seu corpo do meu, querendo puni-lo por ser bom demais, por ser diferente de André, querendo dizer: se você *pudesse* trair a Paula, deveria ser comigo.

Juliano apertou com delicadeza o meu rosto entre suas mãos e me deu um beijo leve na boca. Por alguns instantes retribui e deixei que ficássemos assim, de olhos fechados, aceitando aquele beijo com tristeza e abandono. Quando abri os olhos, percebi que estava mareada, o cheiro de tabaco frio e álcool que exalavam do

seu hálito começaram a me enjoar. Despertando daquele instante olhei ao redor um pouco constrangida, soltei meu rosto de suas mãos e confusa dei um passo para trás desequilibrando no meio fio da calçada e derrubando o copo de cerveja da garota que estava atrás de mim na rua. Me senti ferida com aquele beijo.

— Você não tem esse direito, eu tô muito carente, as coisas já estão complicadas como estão.

— Vamos lá pra casa hoje, eu vou te comer inteira.

Fiquei parada no meio da rua, atônita. E a Paula? Perguntei, não seria uma sacanagem com ela, heim? Eu já estava a ponto de chorar, pensando com raiva nessa liberdade despudorada e na tranquilidade de alguém que não sofria. Pensei que ele realmente não tinha entendido nada. Ele não tinha terminado nenhum casamento, Paula devia estar esperando por ele naquele flat asqueroso, seu coração não estava partido. Vem cá gatinha, vem, desculpa, ele disse querendo reconciliar o irreconciliável. Não seja asqueroso, Ju.

Comecei a ficar realmente cansada, olhei para ele abatida, seu rosto redondo suave e seu olhos embargados estavam mais apertados na baixa claridade do bar. Vou pedir um taxi, vazar, chega dessa merda, disse. Entrando no taxi, Juliano gritou da calçada, Me liga pra dizer se chegou bem? Fiz que sim com a cabeça, mandei ele ir a merda e fechei a porta do carro.

Quando cheguei em casa estava completamente bêbada, a cachaça subindo até um nível perigoso em minha cabeça. O celular tocou, era Juliano querendo saber se cheguei bem e perguntando se André estava em casa. Olhei para as janelas do nosso quarto que

estavam fechadas e a luz apagada. Eu tinha visto no dia anterior no celular dele que tinha marcado um jantar com uma garota.

Abri o portão com dificuldade e subi as escadas tomando cuidado para não tropeçar, chegando no quarto tirei toda a roupa e me joguei na cama. Tudo rodava. Olhei no relógio do criado mudo, eram onze horas da noite. Minha cabeça girava terrivelmente e com dificuldade fui ao banheiro, me agachei na privada e vomitei duas vezes até que o mal-estar deu uma trégua. Voltei para a cama e tentei acalmar a respiração pensando que naquela hora André estaria com a tal garota, se divertindo, rindo da minha cara. Peguei o celular e vi que tinha uma mensagem do baiano: *ae morena, fazendo?* Comecei a responder à mensagem, com um ódio que era por todos os homens, por aquela declaração esdrúxula do Juliano, pela minha capacidade de empatia distorcida pelo baiano. Mas por sorte dormi ainda escrevendo.

Acordei com o barulho do portão batendo. Era André que tinha chegado em casa. Tentei me levantar, me recompor do porre, mas fiquei tonta; me mantive sentada na cama até ouvir os seus passos subindo a escada. Eu sentia, estava pronta para a grande briga, para o desfecho final. André entrou no quarto e quando me viu sentada na cama, pelada, tomou um susto, Achei que estivesse dormindo, disse. Me levantei e caminhando em sua direção gritando, Seu imbecil! Eu nunca dormi se você quer saber! Eu nunca fui enganada por você, seu filha da puta! Com as mãos fechadas e com socos moles tentei acertar seu peito enquanto ele segurava meus punhos. Eu gritava e rugia, André me soltou e foi até o outro quarto fazer uma mala.

— Você, tá bêbada! Bêbada e louca! Disse enquanto procurava suas roupas no armário e as jogava em uma mochila velha. Incapaz de recobrar a calma, disse a ele em tom de escárnio, que eu não estava nem bêbada e nem louca. Tentei explicar que estava ressentida e por fim, sem achar os argumentos certos dentro de toda aquela dor, comecei a chorar dramaticamente. O olhar que me fitou de cima a baixo era de horror e repulsa.

Eu chorava e meu nariz escorria, podia sentir a baba pingando pelo corpo em pelo. Mas não me importava, queria que ele visse meu sofrimento e minha dor em três dimensões. Por um instante André tentou me consolar colocando a mão em meu ombro, mas assim que percebeu que eu estava inacessível, virou-se para o armário como que procurando mais alguma coisa para levar na mochila, mas na verdade, era para evitar aquela visão deprimente. E então, num impulso final de me fazer ser compreendida naquela situação gritei, Você não tá me escutando! E arranquei o lustre chinês do teto com as duas mãos e destruí a estrutura de arame. Ele me olhou com surpresa e desdém, colocou a mochila nas costas e disse que estava indo para casa da tia.

Ele desceu as escadas até o portão da rua. Corri para a janela do quarto, escancarando a persiana e vi que ele já tinha um taxi esperando na porta, provavelmente o motorista devia estar esperando desde a hora que ele entrou em casa. Tinha mais alguém lá dentro. Antes de fechar o portão, levantou o olhar até a minha direção uma última vez, eu estava com a metade do corpo amostra na janela, meus peitos tocando o peitoril, meus cabelos bagunçados,

apoiando as mãos uma em cada lado do batente da janela gritei de forma gutural:

— Eu te amo, André. Seu filho da puta! Te amo!

— Veste uma roupa, caralho!

Bateu a porta do taxi e partiu.

.....

Paloma Zaragoza (palomazara@gmail.com) é jornalista de formação, cozinheira de profissão e fundadora da Como Me Lo Como, empresa de projetos gastronômicos. Publica seus textos literários no pequeno blog organoon.wordpress.com

Muito além da estimação

Pedro Gonçalves de Oliveira

Uma filha quer um cachorro, a outra tem medo. A esposa não quer nem ouvir falar sobre assunto. O que fazer? Terapia de choque: comprar um buldogue, inglês. Trinta quilos de “eu tenho um cachorro”, com fama e aparência de bravo, para inspirar medo, e docilidade de sobra, para superá-lo.

Dizem que a perda de um animal de estimação é uma situação complicada de administrar com crianças. Crianças? Daqui a 10 ou 15 anos elas já serão adultas e, na pior das hipóteses, compramos outro cachorro. Relacionamos alguns canis, mas não passou do primeiro. Lá estava o Spike, aquele do *Tom & Jerry*. E assim, no banco de trás do carro, minha filha mais velha, feliz e orgulhosa, carregava seu tão esperado cachorro de estimação.

Foi um início complicado. Um desafio. Barulho durante a noite toda. Vizinhos reclamando. Latidos e rosnados que minha condição de calouro nesse papel respondia com “lições” desproporcionais e estúpidas. Eu esquecia que era um filhote de poucos dias, embora nossas “discussões e lutas ferozes” tenham se trans-

formado em nossa grande brincadeira. Assustador para quem não o (nos) conhecia.

Assim era o Spike. Turrão. Forte e imponente. Ao mesmo tempo que era incapaz de andar sem esbarrar ou arrastar tudo ao seu redor, comportava-se como um verdadeiro “*gentledog*” na presença de crianças. Quando percebia que uma delas se aproximava ou, ao contrário, sentia medo dele, prostrava-se no chão para que pudesse tocá-lo. Quando ofereciam algum *snack*, pegava-o com precisão quase cirúrgica, evitando que sua boca tocasse a mão das crianças. Para aqueles que já o conheciam, chegava sempre rebolando, todo desengonçado, procurando carinho.

Às vezes esquecia que era um buldogue. Tinha espírito de labrador. Corria veloz e saltitante sobre camas e sofás. Quando jogava bola, era impossível tomá-la sem travar nossa velha luta. Espírito de labrador, mas não fôlego. Em pouco tempo de ação, ficava prestes a ter um ataque cardíaco. E lá íamos nós: “Calma, Spike, respira”. Ele inspirava carinho.

Apesar de sua cara de mau e estrutura robusta, Spike era bastante sensível. Tinha alergia a várias rações e, pequenino, contraiu sarna demodécica, uma doença causada por uma espécie de ácaro, cujo diagnóstico ocorre, principalmente, pela identificação microscópica de um aracnídeo presente nas lesões. Não havia meios de fechar o diagnóstico. Apesar das características clínicas e o aspecto das lesões, ninguém achava o tal do bichinho. Só depois de uma verdadeira saga por muitos veterinários de São Paulo, encontramos uma pesquisadora que estava desenvolvendo uma tese

justamente sobre esse assunto. Um achado, para nós e para ela. O caso do Spike fez parte de seus resultados bem-sucedidos.

Depois veio o entrópico nos dois olhos. Nos dois. Nesses casos, a pálpebra inferior e os cílios giram para dentro, em direção ao olho, o que pode levar ao comprometimento da visão. Achamos uma clínica veterinária com cirurgião oftalmologista na região de Moema. Após uma longa consulta, o médico veterinário informou a necessidade de cirurgia. Quando retornamos para a internação, assim que chamado, Spike olhou para mim e foi para o fundo da clínica, como se simplesmente tivesse que fazer o que devia ser feito. “Fique tranquilo”. Ele era assim.

Os procedimentos envolvidos, incluindo sua recuperação, demandariam o dia todo e eu apenas poderia vê-lo à noite. As ruas frescas e arborizadas daquela manhã ambientavam a sensação de missão cumprida. Não havia nada mais para fazer ali. Afinal, Spike estava em uma das melhores clínicas, com um dos melhores especialistas e eu tinha que trabalhar. Tudo certo, eu voltaria depois.

Ledo engano. Quando reparei, havia ficado alguns minutos parado com o carro ligado sob uma daquelas árvores e os olhos marejando. Não se tratava mais de um cachorro, um animal de estimação. Querido e insubstituível. Amigo e companheiro. Agora eu começava a entender o sentimento de muitos colegas e amigos, tutores de outros – agora eu sei – grandes amigos. Comportamentos que, no auge da minha insensibilidade e ignorância, pareciam estranhos ou exagerados. Sem propósito, eu pensava. Estou pegoi! “Agora eu sei.”

Os dois tratamentos foram bem-sucedidos. Mas nenhuma dessas doenças foi capaz de deprimi-lo. Spike estava sempre disposto, alegre e a postos ao nosso lado.

Algum tempo depois, com pouco mais de oito anos, ele apareceu com uma ferida no dorso. Havia tido várias, mas esta não estava fechando. Algo realmente não corria bem. Um dia, manejando a lesão, parte do tecido que a cobria se rompeu e liberou um odor muito desagradável. Consultei uma colega veterinária que tinha uma boa experiência em cirurgia e oncologia. Nada bom. Biópsia com resultado positivo e um novo susto: durante os exames pré-cirúrgicos, uma mancha no pulmão despertou preocupação. Felizmente foi um alarme falso.

A “ferida”, um tumor, foi removida. Foi uma cirurgia grande, que culminou em uma área de cerca de um palmo de extensão. Poucos dias depois, tive que viajar para a Suíça a trabalho e os pontos abriram. No início, tentamos – eu a mais de 8.000 km de distância e minha esposa e filhas ao vivo – prevenir a exposição total, mas a situação ficou complicada. A mais nova jurava poder enxergar os órgãos através da lesão, agora aberta e profunda. Retorno urgente ao veterinário. Nova anestesia. Mais uma cirurgia, agora definitiva. Conseguimos resolver.

Uma nova bateria de exames foi realizada, quando encontraram uma nova mancha no pulmão, agora com resultado positivo. Na verdade, tudo indicava que o tumor já estava presente na ocasião anterior, mas uma infecção pode ter disfarçado o diagnóstico. A massa tumoral já era grande o suficiente

para deslocar o coração de sua posição natural. Se optássemos por manter a situação como estava e acompanhar sua evolução, Spike poderia sofrer morte súbita. A outra saída era retirar um dos pulmões. Mas como decidir? Depois de refletir muito sobre sofrimento e qualidade de vida, optamos pela cirurgia. Mas não sem o peso da angústia.

Spike internado. Quarta cirurgia. Então te colocam em uma sala para formalidades. São esclarecimentos e assinatura de alguns termos. A equipe informa que você tem grandes chances de voltar para casa sozinho – mas que vão fazer o seu melhor – e pede para você formalizar que está ciente dos riscos. É necessário, eu sei. Mas ao mesmo tempo desumano. Aquela angústia da decisão retorna na forma de um verdadeiro martírio, misturando a tentativa de salvar a vida de Spike com a sensação de levá-lo ao sacrifício. Horas de cirurgia. E lá vinha ele. Inquebrável! “Calma, está tudo bem.” Essa era sua expressão, em meio a ataduras, suturas e um pulmão a menos. Como se quisesse me tranquilizar.

Mesmo com todas as recomendações e alertas sobre o comprometimento de suas atividades, Spike ignorava que estava sem um dos pulmões. Principalmente quando a situação envolvia estar ao nosso lado. Nem a equipe acreditava. Vida normal, ou quase: agora com hormônios e quimioterapia.

Ele se adaptou bem ao tratamento. Contudo, depois de alguns meses, três novas lesões apareceram: próximo ao rabo, cabeça e região dos olhos. Resolvemos uma delas em algumas semanas, mas, infelizmente, não as outras. Nova cirurgia. A quinta. Região

dos olhos e cabeça. Novo esquema quimioterápico e a necessidade de cuidados diários mais intensos.

Desta vez ele sentiu mais. Ao longo do tempo já não reclamava a cada sessão de curativos e não patinava mais sobre o piso liso para vir ao nosso encontro – não tinha energia –, embora jamais deixasse de nos cumprimentar quando chegávamos. Continuava se acomodando sobre minha papelada, que organizo no chão do escritório enquanto trabalho, indicando a hora de parar. Também mantinha seu lugar cativo, no chão, próximo ao sofá onde sentava para assistir TV.

Esse era um de nossos cantinhos. Muitas vezes, quando, tarde da noite, eu adormecia – nós adormecíamos – no sofá, as meninas me chamavam para dormir na cama. Ele então saía furioso, tentando pegar seus pés. Às vezes machucava. Era sério, do tipo: “deixa a gente aqui, pô” – mas ao mesmo tempo engraçado. Chegou a ponto de conseguir dar o recado somente com uma levantada de pescoço e olhar de mau. Que saudade.

Certo dia, não consegui dar a medicação. Ele a cuspiu e começou a reclamar. Como quimioterápicos são muito tóxicos, inclusive para humanos, cada vez que o derramava, existia todo um cuidado para manipular os resíduos com segurança. Fiquei muito nervoso e forcei novamente a tomada, quando ele reclamou de dor. O abracei e pedi desculpas. Chorei e disse estar cansado. Que vergonha. Que covardia. Que arrependimento. Eu não havia percebido as feridas em sua boca, causadas pela própria medicação.

Tentamos por uns dois dias. Ele melhorou um pouco. Durante uma crise, tivemos que recorrer a um pronto-socorro veterinário, que administrou morfina e recomendou uma série de exames. Isso foi um domingo pela manhã. À noite, dormimos juntos no chão da sala. Perto de nosso cantinho cativo. Ele teve bastante dor. Na segunda pela manhã, desmoronava ao tentar andar. Não aguentava seu peso. Tomei-o no colo e a reação foi de entrega... e de despedida. Corremos para um hospital veterinário que eu sabia ter UTI disponível. Quando chegamos, ainda pela manhã, deu para ver que era grave. Internação imediata e visita somente às 19h. Quando retornamos, à noite, ele estava prostrado, mas, ao ouvir nossas vozes, levantou-se. Olhou-nos por alguns segundos. Pareceu animado ao nos reconhecer – assim eu gosto de acreditar. Lá estava o Spike, um pouco mais cansado, mas lá estava o guerreiro. Cheguei a comentar com a médica responsável que ele estava começando a reagir. Logo compreenderia seu olhar – o da médica.

Fomos para casa. Sentei-me na cadeira de braços altos, perto da porta, onde ficava lendo em sua companhia, sempre colado. Nosso segundo local cativo, aquele de todas as manhãs. Minutos depois, o telefone toca: ele se foi. Teve uma crise de convulsão. Ele havia levantado para se despedir. E eu não me despedi. Minhas filhas e minha esposa, também desoladas, socorreram minhas emoções.

Chegamos ao hospital. Spike estava sozinho em uma sala, deitado sobre uma maca com um pequeno cobertor. Exatamente como fazíamos com ele em casa. Parecia estar dormindo. Era o

jeito que ele dormia. Eu o abracei e chorei longamente. Aguardava que voltasse a respirar e que tudo tivesse sido um grande engano.

Mas ele não voltou. Que sensação terrível. A morte tem uma natureza ecológica: flores nascem nos campos e depois viram terra para outras flores que também cairão. Mas não a saudade. A saudade é humana, e sobre ela eu prefiro um abraço. Apenas um abraço. Para suportar a saudade de alguém que foi como um sonho bom, só que de verdade. Muito além da estimação.

.....

Pedro Gonçalves de Oliveira (pedrofar@uol.com.br) nasceu em São Paulo. É casado, farmacêutico e, em 2018, iniciou MBA em *Book Publishing*, o que resultou na criação e produção da Coleção Tópicos em Farmácia. "Muito além da estimação" é seu primeiro trabalho de não ficção literária.

Lá

Raíssa Blasques Kaspar

Era tudo muito estranho. As paredes, bastante altas, deixavam o frio entrar em forma de vento. Ao mesmo tempo, o teto era tão baixo que Letícia não podia pular sem bater a cabeça; e o ar parecia insuficiente para encher seus pulmões. As janelas ficavam no chão e, dessa forma, era necessário tomar cuidado por onde pisava. Não tinha muita luz, mas a pouca luz que tinha, ofuscava seus olhos. Tudo o que ela olhava de perto parecia extremamente pequeno, mas o que via de longe, ganhava proporções gigantescas. O relógio no teto estava parado, mas o tempo corria, corria, corria. Para Letícia, era tudo muito torto. Tudo muito esquisito. E a menina não entendia *nada* daquele lugar.

Cansada de se sentir estranha dentro da própria casa e inspirada pelo tapete que ficava em frente a porta de saída, onde se lia “Sejam Bem-idos!”, a menina resolveu ir. Passou uma perna pela porta e a outra pela fechadura. A cabeça saiu pelo sótão e o tórax pelo ralo. Enfim, saiu. Bem-foi.

*

O mundo do lado de fora não parecia tão torto como sua casa. Na verdade, era completamente oposto. Pacato. Monótono.

A cor bege da terra era a mesma cor bege da água, que era a mesma cor bege da neblina, que era a mesma cor bege do céu.

O sons, soavam sempre em Lá: o rio, o vento, o zumbido da abelha...

A temperatura?

Sempre a mesma.

A textura?

Sempre a mesma.

O cheiro?

Sempre o mesmo.

O gosto?

Sempre o mesmo.

E o pensamento de Letícia? Sempre o mesmo.

A menina caminhava sempre no mesmo ritmo.

Calcanhar direito à frente. Joelho direito dobrado. Planta do pé direito no chão. Dedos do pé direito no chão.

Calcanhar esquerdo à frente. Joelho esquerdo dobrado. Planta do pé esquerdo no chão. Dedos do pé esquerdo no chão.

Andou, andou.

Andou bastante e não se cansou. Mas sentar não seria má ideia. De qualquer forma, escolheu continuar andando e chegou na beira do rio.

O rio era muito largo e mal dava para ver seu fim. Como vidro, sua água era calma, lisa e brilhante. Ele parecia muito diferente

de tudo o que Letícia conhecia. Talvez porque depois do horizonte não dava para saber muito bem o que existia. Ou mesmo porque ela desconhecia o que acontecia nas profundezas de suas águas. O fato é que havia um certo mistério que despertava a curiosidade na menina.

No horizonte, Letícia viu o barco. Ele vinha cortando sua superfície. Rasgava o rio como um zíper na direção da menina. E a calmaria dobrava-se em ondas.

Ninguém parecia conduzir o barco e a ausência de brisa fez a Letícia concluir que era sua curiosidade que o movia.

O barco se aproximou o suficiente para ver o que havia em seu interior: nada. Era apenas um barco, vazio. Atolou de leve na areia, em frente aos pés da menina.

Um convite.

Letícia ergueu o pé esquerdo, se equilibrou sobre o pé direito e pisou dentro do barco com metade do corpo. Depois, a outra metade. Letícia estava inteirinha dentro do barco.

Apesar do leve apoio na areia, era difícil se equilibrar de pé. A menina abaixou devagar e se sentou.

A mão tocando na areia ajudou a desatolar o barco com um leve impulso. De lá, ele voltou a rasgar as águas. A menina foi ficando cada vez mais distante. Quanto mais distante, mais pequeninha. Tão pequena, que se tornou um pontinho. Não dava mais para saber o que era barco e o que era Letícia.

*

Assim que o pontinho Leticia-barco deixou de ser pontinho e virou nada no horizonte, um estrondo soou alto e grave, vindo do céu.

CABRUM.

Logo em seguida, o céu começou a ganhar uma tonalidade diferente. Não estava mais da mesma cor do resto. Era, agora, de um cinza bem escuro, colorido por raios e relâmpagos. Desse mesmo céu, começaram a cair gotas de água. Chuva forte. Tempestade.

Toda aquela água mudou a afinação do lugar. Percutidos pelos *cabrums* do céu, o Lá do rio virou um Dó sustenido e o zumbido da abelha um Mi. Juntos, rio, vento e abelha cantavam um acorde de Lá maior.

Da terra úmida, nasceram pontinhos verdes de grama áspera, que logo se transformaram num verdíssimo gramado, depois mato alto e, por fim, floresta. Alguns animais chegaram para ornamentar a melodia da manhã com seus piados e grasnos e a melodia da noite com os uivos e coaxos.

No amanhecer, a neblina continuava a descer como sempre fez, mas agora cobria a visão com um branco turvo que arpejava a pele. Ao longo do dia, o branco se desfazia e deixava em seu lugar um calor que cozinhava os dorsos até o sol se pôr, quando o vento vinha para refrescar tudo o que soprasse.

Não havia mais nenhum centímetro daquela terra que fosse monótono.

*

Pontinho, ponto, pontão.
Barquinho e Leticiazinha.
Barco e Letícia. Rasgando o rio como zíper. Rompendo a
calmaria das águas.

Vinham agitados, barco e Letícia. Voltando das aventuras
de outro lá.

Letícia deixou o barco, deixou o rio e se encontrou nova
naquele lugar.

Experimentou a terra, tocou as árvores, cheirou os animais,
sentiu a neblina, ouviu a chuva...

E lá no fundo, viu sua casinha. No mesmo lugar.

Letícia se aproximou da porta de saída, tocou a maçaneta e
entrou na casa.

Tudo estava no lugar.

As paredes, ainda bastante altas e o vento, frio. Mas o teto
baixo já não sufocava. As janelas, exatamente iguais, mas luz não
ofuscava mais. O tamanho das coisas parecia proporcional e o tem-
po caminhava em seu devido tempo.

Letícia estava em casa.

Inteira.

Bem-vinda.

.....

Raíssa Blasques Kaspar (raissa.kaspar@gmail.com) Sua infância foi outro dia. A adolescência terminou ontem. De lá para cá, formou-se em Cinema e loga. Estuda violino e adora escrever para crianças e jovens. Produz conteúdo para a televisão e para o cinema e, mais recentemente, escreve literatura.

Rupturas

Renata Alves de Lima

– E se daqui a um tempo a gente não tiver mais assunto? Sabe aqueles casais que não se falam? Já pensou, o silêncio?

Ele despeja em meu colo esse bloco de concreto; assim, no meio da tarde de domingo.

Eu me ajeito no sofá, pressionando os pés contra a estrutura de madeira e tecido desbotado.

Quando nos conhecemos a sala da casa dele tinha vermelhos e verdes bem nítidos e a cortina ficava sempre aberta, exatamente como está agora.

Mas a gente se acostuma, mal percebemos que no conforto das peças usadas – da vida usada – se esconde também o desleixo, a resignação, e de repente sinto-me tão pálida quanto as almofadas ao redor. A conversa que começou por acaso vira um calor no estômago.

Estamos falando sobre eu ter 24 anos e ele 42. Eu acabo de dizer que a palavra contrariedade nos ilustra, só porque acho

bonito o grafismo dos números invertidos. Ele não acha graça, sente-se responsável. Pensa no medo que separa o nosso relacionamento atual de um compromisso assinado em cartório; olha para os 18 anos entre a menina e o divorciado e vê um buraco, talvez uma armadilha. Suas mãos hesitam, apertam uma palma na outra, ele se fecha.

Somos dois corpos inquietos, querendo recolher o que já foi irremediavelmente lançado.

Então ele prossegue.

– E se eu disser que não quero mais ter filhos?

As palavras flutuam no vazio por um segundo. Em seguida despencam, uma por uma. As mais pesadas – assunto, silêncio, filhos – fazem uma pequena cova no tapete felpudo. Já os pontos de interrogação, esses têm uma aerodinâmica só deles, parecem quatro pequenos paraquedas. O ar penetra por baixo, se aloja na concha das perguntas, mantendo as indagações suspensas, na altura da minha garganta.

Salta da boca dele a quinta questão.

– E se eu quiser sair com meus amigos, só eu e meus amigos? E aí, como vai ser?

– E se eu não souber as respostas? É tudo que consigo dizer.

Me levanto. Vou até o quarto, pego a mala do fim de semana; dessa vez pego também minha escova de dentes, meu desodorante, o protetor solar que ele me trouxe de viagem, a camiseta úmida de um suor de poucas horas atrás, quando ainda éramos pessoas que querem estar juntas. Abro uma de suas gavetas, encontro o suéter que mora lá há 3 anos. Morava. Pego meu livro na estante do cor-

redor e depois as ampolas da vacina que passei a tomar depois do melanoma. Ficam na geladeira. Não seria má ideia diluir na dose de amanhã umas gotas de qualquer ansiolítico, desses que curam o medo de ficar sozinha. Tenho outros medos que gostariam de ser acalmados. Faz 1 ano e meio que eu sinto medo de morrer. 33 pontos entre as duas escápulas.

Ele foi comigo nas consultas. A caminho do consultório, fizemos um pacto.

– Sua família pediu pra eu não falar a palavra câncer. Eu não acho isso certo. Entre nós não vai ter esse teatro. Tudo bem? Eu quero perguntar tudo, quero saber tudo; você topa?

Ele foi comigo ao hospital, dois dias depois da consulta.

Não escutou quando o cirurgião disse, já dentro da sala de operação:

– Vou te deixar com a marca do Zorro nas costas.

Contei pra ele depois, assim que acordei do propofol, toda costurada.

Ele me beijou quando eu disse que decote atrás pra mim já era.

Fecho a porta da geladeira. A batida é seca. O som rebate nas paredes da cozinha e volta feroz em minha direção, carregado de acordes escuros: fechou, terminou, acabou. Amanhã é o dia de tomar a vacina que está na mão que empurrou a porta. Duas vezes por semana misturo o líquido esbranquiçado dessa ampola em 4 dedos de suco de laranja, em jejum. Depois volto pra cama. Às vezes vomito. Amanhã devo vomitar. Penso em me dopar e acordar daqui a um ano.

Ele vai até a cozinha. Parece arrependido, muda o tom.
– Me ajuda.
– Te ajudar como? Não sei o que você quer.
– Eu tenho medo que dê errado outra vez. Você consegue entender isso? Eu já tenho três filhos.
– Eu não tenho nada a ver com teu outro casamento. Tá aqui a chave, já peguei minhas coisas.

Saio depressa, meio fugida, e uma onda gigante me empurra pra fora da casa, pra dentro do carro, pra longe do bairro, pra algum lugar onde haja oxigênio. Não sei de onde vem a coragem e muito menos a certeza na voz que acabo de reconhecer como minha. Porque eu não quero ir embora. Mas estou indo.

O farol da avenida vai do verde pro vermelho, está escurecendo. Na árvore à minha esquerda as folhas não se mexem, o papel na calçada não voa, no ponto de ônibus duas pessoas não me olham. Onde estão os cachorros?

Estamos à deriva: eu e a minha coragem de araque.

Sigo na direção do apartamento que divido com meus irmãos. “Amanhã será um novo dia, certamente eu serei mais feliz”. Eu tenho essa coisa de procurar abrigo nas músicas. De lembrar de um verso quando eu preciso dele.

Chego em casa. Não tem ninguém e também não acendo as luzes. “Amanhã será um novo dia...” repito o fraseado enquanto atiro a mala em cima da cama. Caetano canta isso tão pacificamente, não como eu, não com raiva na voz. Sem perceber meto o

maldito ponto de interrogação no final da linha “...certamente serei mais feliz”? Duvido. Amanhã a pancada vai é doer muito.

Me enrolo num cobertor. Tento dormir. Não dá.

Pulsa como infecção generalizada em meu corpo a adrenalina da ruptura. Uma febre que arrepia a pele, um frio uterino; um frio igual ao que eu senti quando a minha mãe morreu.

O telefone tocou há dois anos, ele atendeu.

– Senta aqui, ele disse ao desligar, me olhando nos olhos e me puxando com a mão pra sentar no assento colado ao dele, no sofá ao lado do telefone. Havia uma dor impalpável no som de cada letra da palavra “s e n t a”. Mas quando ele disse “a q u i” eu soube que essa dor me rasgaria dos pés à cabeça.

– Sua prima ligou. Aconteceu um acidente.

No meio do feriado, um acidente.

E agora esse frio de novo.

Por baixo do cobertor estou tremendo inteira. Corre um vento gelado por dentro dos 206 ossos que compõem meu esqueleto.

.....

Renata Lima (rmblima02@gmail.com) é paulistana, formada em Comunicações (1984) e tem duas filhas. Em 2005, saiu da vida corporativa para ser redatora *freelancer* e aluna de cursos de escrita criativa. A pós-graduação no Instituto Vera Cruz é mais um passo em direção às palavras.

A máxima diferença

Renata Conde

Fiquei nove anos sem trabalhar. Voltei há dois meses. Mais uma vez uma loja. O melhor momento é o ônibus da madrugada. A sensação de sair de casa em silêncio, vestir a roupa no escuro, encostar o portão com cuidado, apertar o passo até o ponto, é a de que estou realizando o meu pensamento mais corriqueiro e íntimo: a fuga. Morra, morra logo Ricardo. Mais uma vez minhas irmãs se alvoroçaram com a minha decisão. Sim, vou seguir trabalhando mesmo com a doença de meu marido. Os olhares são cruéis e me ameaçam: você não é uma boa mãe, você não é uma boa esposa. Corro. Corro como se ir ao trabalho fosse sair como calculei por tantos anos. Morra, morra logo Ricardo. Ontem você me disse que se eu não sair do meu emprego, você vai contar tudo para o Arnaldo. E tenho certeza de que vai. Pelo amor de Deus, o leve embora! Nosso filho já está ficando adulto e me pergunta porque ainda não consegue falar direito. Chora porque suas mãos não têm nenhuma agilidade. Está com raiva de mim porque não sei explicar a quantidade de remédios

que o faço tomar diariamente. Largou a faculdade para ficar em casa cuidando de você, já que eu estou trabalhando. Os olhares são cruéis. Como vocês me ameaçam com o seu próprio crime? Ele me perguntou se os remédios têm a ver com a cirurgia. Meu Deus! Eu não sei responder suas perguntas! Eu disse que: sim. E então ele disse que não toma nunca mais. Ele está crescendo, Ricardo. Ele... ele queria ser uma menina... Ele... ele era apenas um bebê. E nós, e nós, Ricardo! Seu olhar assustado naquele hospital. Os joelhos dobrados de minhas irmãs. A cruz no alto da parede. Eu autorizei a cirurgia que você ordenou! Costuraram uma parte dela e achamos que ela seria ele. Implantamos aquelas coisas... Os hormônios... os efeitos que o prejudicaram... Nossa menina morreu quando nasceu. E passamos a vida montando um menino assustado.

.....

Renata Conde (renatadelimaconde@gmail.com) é psicanalista e aspirante à escritora. Sonha em mudar o mundo e em escrever algo verdadeiro para mais alguém. Torce para que, quando alguém ler estas linhas, Bolsonaro já não seja presidente.

Crônica de um romance inexistente

Ricardo Motomura

Tudo começou num sonho. Geralmente costumo sonhar com algo relacionado ao meu passado: intrigas de família, juventude conturbada, enfim, coisas que ficaram mal resolvidas de algum modo. Mas este foi diferente: a primeira vez (e única) que sonhei que tinha morrido; e a primeira vez (e única) que sonhei que tinha voltado à vida. Escrever é inventar outras formas de viver.

Não lembro mais do que alguns segundos do sonho. Acordei um tanto assustado por volta das quatro da manhã, depois de receber a ordem de que era preciso reencarnar e encarar um tribunal para ser testemunha de um crime. Não entendi o motivo daquela tarefa. Mas de repente estava ali, na frente de uma porção de gente, jurando dizer a verdade (e nada além da verdade), contando o que vi (ou achei que vi), num lugar estranho, misto de “Apocalypse Now” e “Labirinto do Fauno”. Escrever é criar um mundo diferente.

O fato é que esse sonho virou um conto – “Descompasso” –, que aos poucos foi ganhando novos trechos, a ponto de imaginá-lo quase como um romance. Não tenho um enredo completo, não existe uma virada (se é que ela precisa acontecer), e sequer criei a maior parte dos personagens. Mas a ideia está lançada, e minha esperança é que tudo surja de algum lado ainda mais remoto do inconsciente. Escrever é pular em um precipício sem saber se algo nos salvará.

Batizei o personagem central de Ângelo, ao menos por enquanto. Talvez um nome óbvio demais para alguém que voltou da morte. Se ele for alterado depois, que fique aqui o registro da existência deste Ângelo que não sei muito bem quem é. O fato é que gostei desse nome e devo seguir em frente assim mesmo. Escrever é ser teimoso com as nossas ideias e concepções.

Ângelo costuma dizer a todos que a morte foi a melhor coisa que lhe aconteceu, mas que não pode falar o mesmo sobre ter voltado à vida depois de morrer. Sei que é um tanto estranho; como assim, voltar à vida, mas preferir a morte? Também acho esquisito, mas foi o que sonhei, não foi? Escrever é aceitar e acomodar as próprias inverossimilhanças.

Seguindo seu caminho, Ângelo terá que descobrir como é viver depois de já ter morrido. Por não existir um guia de como proceder, ele terá que aprender simplesmente vivendo. O vento que bate em seu rosto agora lhe traz um prazer incomum, mas também um desconforto por ter que encarar, de novo, uma existência para a qual não encontra mais sentido. Escrever é discorrer sobre angústias e incertezas.

Viver para quê? – Ângelo se pergunta. Ele sente dor, tristeza, e principalmente solidão. Até que é lembrado do seu propósito; recebe a intimação do tribunal. Promete que responderá a todas as questões sem acobertar nada (ao menos a sua verdade). Nem nervoso ele fica diante de tantos engravatados. Mas e agora, cumprida a tarefa, virá a morte ao seu encontro outra vez? Escrever é omitir algo que pode nunca mais aparecer.

Sem saber para onde ir, ele para num bar e bebe; e bebe. Quando acorda, descobre que ainda está encarnado no mundo real, que tem cheiro de vômito e roupa suja. O que fazer? Ângelo, assim, segue a única coisa que lhe resta; seu instinto. Procura pessoas com quem se relacionou e descobre que a vida, de algum modo, pode ser diferente do que tinha sido até a morte. Escrever é encontrar respostas, até mesmo para a própria escrita.

Também é preciso falar sobre a forma. Como a história de Ângelo será contada? Seguirá uma trajetória cronológica? Quem vai ser o narrador? O que é mais importante, a forma ou o conteúdo? Confesso, não faço a menor ideia de como desvendar isso tudo. Talvez baste sentar e começar. Escrever é escolher e conectar cada palavra.

Por fim, a revisão. A narrativa continuará a mesma ou mudará completamente ao longo das várias leituras? Em que momento ela precisa ser conhecida e avaliada por outro alguém que não o próprio autor? Como saber que uma versão é a última e definitiva? Escrever é escrever de novo; e mais uma vez; e outra vez mais.

Só o que resta é seguir em frente. A crônica de um romance inexistente já existe. Agora é fazer vir à tona esta história, que se um

dia se completar, quem sabe poderá ser descoberta nas páginas de um livro. A minha maior inspiração, claro, será Ângelo e sua crença de que todos estamos, na verdade, mortos. Escrever, enfim, é dar vida a algo que não sabemos se já existiu, de fato, dentro de nós.

.....

Ricardo Motomura (ricardomotomura@gmail.com) nasceu em Londrina, mora em São Paulo, e ninguém acredita quando diz que não pensa em voltar; também foi esportista, fez Direito, tenta escrever, e ninguém acredita quando diz que não pensa em parar.

As horas mais escuras da cidade

Thiago Zanon

Maria Luísa sentiu a língua do rapaz subindo do seu pé direito para a perna. Tinha os olhos vendados, se opusera a ter os braços e pernas amarrados, sob o compromisso de que não se mexeria. Sentia o cheiro de roupa de cama velha, lavada com sabão de segunda, que se desprendia dos lençóis, que só vira no lusco-fusco, mas lhe pareceram azul-claros, cheiro barato.

O rapaz chegou em seu joelho, um tremor lhe riscou o corpo desde a base da coluna até a nuca. Momentos como aquele, aquela hora ou mais que passaria ali num quarto de hotel, aquilo era revigorante. Virou a cabeça para o lado direito e viu de relance o rapaz grudado em sua perna. Em um instante desagradável, pensou no marido, aquele pedaço de carne decadente, descuidado, por quem ela não tinha sido apaixonada nem no dia do casamento, vinte anos antes.

Felizmente suas atenções retornaram ao rapaz, a textura de sua língua quente de gato. Gemeu, ele mordeu levemente o lado

interno de sua coxa. Não gostava de pagar por isso, não, ela gostava de se sentir desejada. Um garoto de programa não poderia fazer isso por ela, fazê-la acreditar que aquele desejo era real. Seduzir seu espírito, além de seu corpo. Como fazia esse rapaz, que agora lambia suas coxas com entusiasmo. Mordeu o pedaço do lenço alaranjado que lhe cobria descuidadamente o rosto e caía sobre sua boca.

Se conheceram algumas semanas antes pelo aplicativo, conversa vai, conversa vem, resolveram se encontrar. Maria Luísa não queria ser vista, então ficou aliviada quando ele sugeriu um bar em um bairro que ela pouco frequentava. Um lugar que sempre achou feio, perto do elevado, perfeito para um encontro clandestino. Escondidos naquele boteco do centro da cidade, livre de seu mundo conhecido, começando a se aventurar num universo novo, cheio de possibilidades, sentiu-se feliz. Nunca pensou estar num lugar assim, um bar com paredes cobertas de azulejos brancos engordurados, com cadeiras de plástico azul. Um homem de aproximadamente cinquenta anos cantando, desafiando, músicas de MPB que possivelmente tentavam dar uma cara mais amistosa ao lugar. Ao longe os sons do viaduto, sirenes, gritos, mais perto os habitantes da vida noturna em todas as suas formas, tipos que Maria Luísa ainda tentava classificar. Tudo a seduzia tanto quanto o jovem a sua frente. Sua mente vagava de volta à Vila Nova, onde não há morador de rua e prostituta. Simplesmente não há, observou. Não chegou, deve ser a falta do metrô, esses estranhos buracos no chão.

Conversaram sobre a vida, sobre profissão, ele era estudante de Direito. Ela contava das coisas de seu dia a dia, evitava falar da família, mas mostrou as fotos dos filhos. Ele sabia que era casada, disse que gostava de mulheres casadas, com uma piscada que Maria Luísa jurou ser mais safada do que meiga. Naquele primeiro dia ele tocou sua mão, isso foi suficiente para que ela soubesse que queria mais daquele rapaz sensível, interessado, até meio feminino. Aquele toque a pegou desprevenida, com a mão sobre a mesa, contava sobre o dia em que tinha se perdido no Clube Pinheiros, sim, isso aconteceu há mais de trinta anos, contava entusiasmada, como se a idade superior também a tornasse superiormente interessante para o rapaz. Ele colocou a mão sobre a dela e apertou, Maria Luísa se calou imediatamente e sorriu. Ele sorriu de volta e tocou com delicadeza a face que ela já sabia vermelha.

Perguntou se ele tinha namorada, ele disse que não. Perguntou muito sobre a vida dele, se já tinha se apaixonado. Dessa vez ele disse que sim, que ainda era apaixonado, mas que era um amor impossível, que ele já tinha desistido. Na despedida, se beijaram. Ela pensou nele a semana toda, nos seus olhos firmes, cabelos volumosos e braços fortes. Ela o desejou a semana toda.

Maria Luísa esqueceu dessas lembranças quando ele chegou com a boca em seu sexo. Não pare. O marido voltou à sua lembrança no momento mais inoportuno, que grande engodo havia sido seu casamento. Engodo que suas amigas do clube invejavam, o marido era rico, muito rico. Diziam que, sem amor a gente vive, mas sem dinheiro não. Ela descobrira que isso não era a realidade

dela, aquele menino com a cabeça enfiada no meio de suas pernas era a realidade. Meia hora naquele quarto horroroso lhe bastavam para sentir esse amor inventado. Que grande clichê! Ela o sabia, mas era o que desejava e a fazia viva. O momento inesquecível valeria aquele cenário.

Teve medo, sim, mas quando ele finalmente a penetrou, o medo passou, descumpriu a promessa de fingir-se amarrada e trouxe as mãos para as costas despidas dele. Lembrou-se que ele tinha pedido a ela que não o arranhasse, que a queria “bem boazinha”, e assim não cravou as unhas em suas costas, apenas o acariciou, descendo as mãos e apalpando sua bunda dura, segurando-o por ali. Empurrando-o para dentro até gozar, ignorando a provável finura das paredes daquele lugar.

Ele também gozou urrando, e à ela pareceu muito másculo, nada da delicadeza que a entretera na mesa do bar. Saiu de cima dela e se jogou ao seu lado na cama, seu pau ainda duro dentro do preservativo encharcado por dentro e por fora. Ele disse que queria lhe dar um banho. Foram juntos para o minúsculo banheiro e entraram debaixo do chuveiro, a cortina de plástico gelada contrastava com a água quente que saía do chuveiro elétrico. Ele a ensabouou, limpou cada centímetro de seu corpo suado.

– Você é maravilhosa – disse com um sorriso.

– Da próxima vez vou trazer meu próprio sabonete.

Era madrugada, o marido estava viajando, mas não convinha abusar da sorte. Ele perguntou se ela o deixaria em casa, afinal não tinha carro, era um estudante, morava ali perto.

Saíram do hotel e ele pagou a conta em dinheiro. Maria Luísa achou gentil, ela já esperava que, como a “adulta” daquela situação, teria que pagar. O hotel era uma pechincha, ela não queria usar o cartão e deixar rastro, deixou-o pagar de bom grado.

– Pode parar aqui, moro numa predinho virando à direita, mas para aqui pra gente conversar mais um pouco – e começou a arrumar a pequena mochila que trazia.

Pouca luz, Maria Luísa sentiu medo. O muro da Santa Casa, antigo, com seus tijolos vermelhos desgastados pelo tempo, parecia uma muralha, uma prisão opressora, talvez como um muro de cemitério de cidade do interior. Do outro lado da rua pequenos prédios tentavam, inutilmente, ensinar algum estilo àquelas construções modernas, lixeiras destruídas, um cachorro solitário vagava despreocupado. Silêncio, escuro, solidão na cidade estranha.

O rapaz não disse muito, desceu do carro e caminhou sem olhar para trás. Maria Luísa tomou o caminho de casa sem olhar para trás, não se sentindo mais realizada. Antes de cruzar a Avenida Brasil, verificou o aplicativo, procurando por mais.

.....

Thiago Zanon (thiagozp@yahoo.com) possui uma carreira executiva em grandes empresas, formou-se em Administração de Empresas pela USP e é mestre em Engenharia de Produção pela UFSCAR. Nasceu e vive em São Paulo, onde busca inspiração para seus futuros projetos literários.



São Paulo, 2020



Pós-graduação Formação de Escritores

Esta antologia é composta de textos de ficção, não ficção e infantoju